

AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

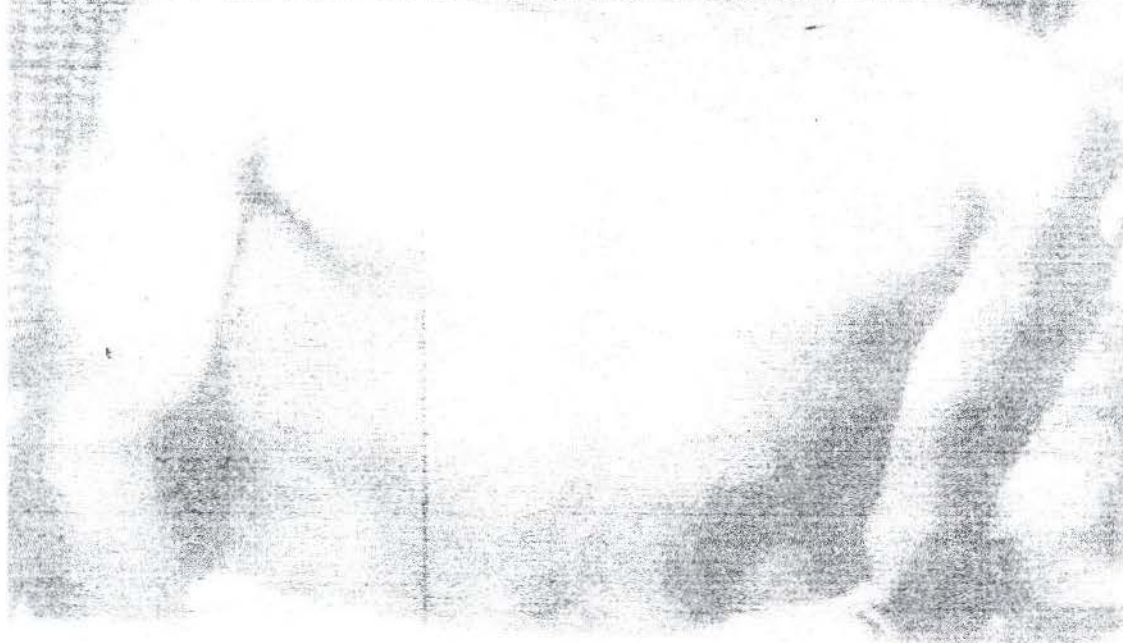
O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
LUCIANA GONÇALVES DE LIMA



**MEMÓRIAS, MITOS E RITUAIS: O CASO "ORLANDO SABINO"
NO PONTAL DO TRIÂNGULO NA DÉCADA DE 1970**



UBERLÂNDIA – 2006

COCH/UFU
Correspondência Recebida
em 15/09/06
Batalista

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
LUCIANA GONÇALVES DE LIMA

MEMÓRIAS, MITOS E RITUAIS: O CASO “ORLANDO SABINO”
NO PONTAL DO TRIÂNGULO NA DÉCADA DE 1970

*Trabalho de Conclusão de Curso
elaborado como requisito para
obtenção do grau de Bacharel em
História pela Universidade Federal
de Uberlândia, sob orientação do
Prof. Doutor Paulo Roberto Almeida.*

UBERLÂNDIA – 2006

Agradecimentos

Gostaria de agradecer todas as pessoas que me ajudaram neste trabalho.

Primeiramente agradecer ao meu orientador e acima de tudo meu amigo, o professor Paulo Almeida.

Minha família, pela força e paciência, em especial minhas queridas irmãs Juliana e Adriana.

Meu pai Eudes, pela contribuição e paciência, e minha mãe Eurani pelo afeto e estímulo.

Minhas amigas, Patrícia, Manuela pelas palavras de otimismo nos momentos difíceis.

À minha companheira inseparável de curso, Ylana Márquez que sempre me incentivou durante todo o curso.

Às professoras, Mara Fontoura, Beatriz Fontoura e Lecioni pela contribuição, apoio e oportunidade que me proporcionaram na minha profissão.

Ao amigo Abeilard Neto pela amizade e companheirismo.

Ao Boris que sem dúvida é o meu melhor amigo.

À Coordenação do Curso de História pela compreensão e à professora Dilma Andrade pela força e credibilidade que me deu.

A Deus que permitiu-me ampliar limites.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
CAPÍTULO 1	
A construção do fato	20
CAPÍTULO 2	
Mitos e rituais	52
CONSIDERAÇÕES FINAIS	75
FONTES.....	82
REFERÊNCIAS.....	83

INTRODUÇÃO

Na primeira metade da década de 70 a população da região de Capinópolis, no Triângulo Mineiro, passou por um período de terror e medo. A cidade, durante essa época, tinha sua economia baseada praticamente na agricultura, com o plantio de milho, arroz e algumas plantações de amendoim. Por isso, tinha-se um grande contingente populacional concentrado basicamente na zona rural, além de uma intensa onda migratória de trabalhadores destinados ao trabalho na lavoura.

Em sua entrevista, o Senhor Janeir Parreira Reis de Lima nos contou que “Capinópolis tinha, em 1972, em torno de 16000 habitantes, o mesmo contingente que se tem na atualidade. A população urbana era bem menor, concentrava-se praticamente 40% da população na zona rural, nas chamadas colônias agrícolas, na *fazenda Poço* (*fazenda Poço é uma região cujo nome refere-se ao córrego do Poço*, localizada no município de Capinópolis, o nome Poço, refere-se ao córrego da região e a fazenda compreende várias outras, portanto fazenda Poço é um conjunto de fazendas, localizadas aos redores do córrego Poço), havia ali aproximadamente umas 30, 40 famílias; lá no Sr. João de Freitas, Ponte Alta (*fazenda localizada no córrego da Ponte Alta e compreende um conjunto de fazendas, também no município de Capinópolis*), existiam ali alguns italianos, tinha também 30, 40 famílias, no Geraldo Barbosa, tinham muita

gente, aqui nos Mangues, no Queixada, era uma das regiões mais populosas, tanto é que nós tínhamos aí umas 10, 8 escolas rurais e hoje não temos mais."

A imprensa de todo o país noticiou com destaques diários durante os meses de março e abril de 1972 sobre a existência de um *criminoso sanguinário que percorreu a região do Pontal de Minas Gerais*. As vítimas eram abatidas com requintes de crueldade através de arma de fogo ou de foice. Com a mesma violência o "Monstro do Triângulo", como ficou conhecido pela população, sacrificava igualmente animais das fazendas da região, difundindo o terror no seio das populações rurais. Os trabalhadores abandonaram suas lavouras, acarretando graves prejuízos de ordem social e econômica, ameaçando a própria safra do período 71/72.

O "Monstro de Capinópolis", como também foi tratado pela imprensa e, *consequentemente pela população, causou enorme pânico na região*. Em muitas cidades, o toque de recolher era dado ao cair da tarde. Nas roças, moradores abandonaram seus casebres e migraram para as cidades, deixando pra trás plantações inteiras. Na zona urbana, escolas foram fechadas e os homens formavam milícias. Após exaustiva campanha militar que movimentou centenas de policiais de elite. Especialmente formados em técnicas de guerrilha, auxiliados por cães adestrados e equipamentos modernos de intercomunicação, foi apresentado pela polícia, como sendo o "monstro" um jovem de 25 anos, de cor preta, estatura baixa, compleição franzina, com sintomas de debilidade mental, identificado como Orlando Sabino.

Inicialmente, a pesquisa do fato se deu no Arquivo Municipal de Uberlândia em julho de 2002, no jornal Correio de Uberlândia dos meses de março e abril de 1972 e na revista Manchete de 25 de março de 1972. Apesar de não encontrar outras fontes de divulgação no arquivo, é importante acrescentar que o caso teve repercussão na revista "O Cruzeiro", "Realidade", Jornal do Brasil, O Globo, Estado de São Paulo, Jornal Lavoura e Comércio, diários de Belo Horizonte e outros.

Com a ajuda de alguns moradores de Capinópolis foi possível encontrar fontes como literatura infanto-juvenil ("Drácula Tupiniquim") e literatura de cordel ("História do Homem Mau").

Uma outra fonte encontrada na biblioteca da Escola Municipal Presidente Tancredo de Almeida Neves foi o livro de Joaquim Borges: A Prova do Crime, no qual aponta ele, que toda ação policial desencadeada pela polícia teria sido a partir de suspeitas de que um guerrilheiro se escondera no Pontal.

O guerrilheiro explica Borges, seria um paraguaio e se chamava Geraldo Martinez Herrera, que entrara clandestinamente no Brasil e estaria circulando no Triângulo Mineiro como andarilho e procurava serviços como trabalhador rural nas fazendas, por onde andava Sabino. Daí aponta ele, o motivo de o Exército e o DOPS terem atuado na caçada.

Trabalhou-se com as fontes orais, analisando a memória que os moradores reelaboraram em torno do fato. As entrevistas foram realizadas com moradores da cidade de Capinópolis (MG): O Sr. José Sebastião da Silva, pequeno agricultor de 68 anos, a Sra. Elza Maria

de Lima, auxiliar administrativa de 48 anos, a Sr. Júlia Maria da Silva Pereira, professora de 54 anos, a Sra. Cleuza Prado Batista, 60 anos, pensionista; o Sr. José Padovani Filho, 64 anos, mecânico e sua esposa Sônia Maria da Silva Padovani, 60 anos, do lar. Fez-se uma entrevista que, de início pretendia ser individual, com o Sr. Geraldo Francisco dos Santos, 77 anos, cabo aposentado da polícia militar; mas quando chegou-se em sua residência, ocasionalmente foi encontrado o Sr. Ivaldo Mendes Ferreira, 69 anos, 2º tenente aposentado da polícia militar e o Sr. Manoel Pereira Duarte, 75 anos, aposentado que também concedeu-me o seu depoimento. Finalmente foi entrevistado o Sr. Janeir Parreira Reis de Lima, 69 anos, advogado, todos residentes na mesma cidade.

A escolha de trabalhar o caso Orlando Sabino e seus respectivos enfoques elegeu a fonte oral como eixo central do trabalho. Somente o testemunho das pessoas que fizeram parte dessa história, poderia recuperá-la, construindo uma interpretação do vivido. Dessa forma, escolhi trabalhar com depoimentos de homens e mulheres que, durante o período exerceram diferenciadas funções- vereador e secretário executivo da prefeitura de Capinópolis, lavourista, professora, sargento e soldado da polícia militar, mulheres do lar, abrindo assim, um leque de possibilidades e de visões sobre aquele momento.

É importante ressaltar que não é preocupação do trabalho reconstituir a história de Orlando Sabino e apontar um culpado ou não dos crimes cometidos.

Escolheu-se partir dos próprios sujeitos, recuperar o que por eles foi registrado e, através dos relatos, compreender e analisar a

repercussão que o caso obteve, pois, não podemos deixar de salientar que o caso Orlando Sabino é considerado parte da história de Capinópolis e de outras regiões do Pontal do Triângulo, sendo ou não para alguns, lembranças de um tempo que às vezes eles não preferem lembrar, porém, quem vivenciou o momento, não deixa de apontar o episódio, como parte integrante de suas histórias. Ao lidarmos com a memória como campo de disputas e instrumento de poder, ao explorarmos modos como memória e história se cruzam e interagem nas problemáticas sociais sobre as quais nos debruçamos, vamos observando como memórias se instituem e circulam, como são apropriadas e se transformam na experiência social vivida. No exercício da investigação histórica por meio do diálogo com pessoas, observamos, de maneira especial, modos como lidam com o passado e como este continua a interpelar o presente enquanto valores e referências.

“O processo de recordar é uma das principais formas de nos identificarmos quando narramos uma história. Ao narrar uma história, identificamos o que pensamos que éramos no passado, que pensamos que somos no presente e o que gostaríamos de ser. As histórias que relembremos não são representações exatas de nosso passado, mas trazem aspectos desse passado e os moldam para que se ajustem às nossas identidades e aspirações atuais. Assim, podemos dizer que nossa identidade molda nossas reminiscências;

quem acreditamos que somos no momento e o que queremos ser afetam o que julgamos ter sido.”¹

Há várias maneiras segundo as quais nossas reminiscências - tanto do passado imediato como do mais longínquo - podem tumultuar e colocar em xeque nossa identidade, e, portanto, é preciso que exista uma certa harmonia entre elas. Experiências traumáticas podem provocar o rompimento de tabus ou prejudicar a compreensão pessoal. Dramáticas mudanças de vida muitas vezes tornam-se irrelevantes velhas identidades e exigem drástica reavaliação. A vida psicológica do cotidiano inclui aspirações frustradas e perdas debilitantes que tentamos administrar de forma mais segura e menos dolorosa. Assim, em nossas reminiscências frequentemente tentamos estabelecer uma coerência pessoal satisfatória e necessária entre as passagens não resolvidas, arriscadas e dolorosas de nosso passado e nossa vida presente.

O trabalho com a fonte oral apresenta dificuldades, mas é também muito gratificante. Encontrei pessoas que pouco falaram, ou pela timidez ou mesmo pelo constrangimento causado pela presença de um gravador, pois ao se depararem com o mesmo, elas se preocupam em falar corretamente e, com isso percebemos um conseqüente bloqueio na memória, ou então até mesmo uma debilitação da memória. Este foi o caso da senhora Cleuza do Prado Batista, que foi entrevistada, mais pouco se lembrou:

¹ Thomson A. *Recompondo a Memória: Questões sobre a relação entre a História Oral e as Memórias*. p. 57, 1997.

“Eu sabia tudo direitinho, mas com o tempo a gente vai esquecendo sabe, eu num sei conta muito, porque eu já esqueci muito.”

Quanto ao esquecimento de Dona Cleuza, podemos citar uma comentário de Portelli:

“O momento da vida em que a estória é contada, entretanto, é um fator crucial na sua moldagem. Todos temos consciência de que a memória de uma pessoa de idade pode estar deteriorada e falhar. Na primavera de 1980, entrevistei Carlotta Orientali, de 93 anos, que havia sido a secretária do sindicato anarco-sindicalista em Terni durante a década de 1910 e ela não foi capaz de me dizer nada sobre sua experiência. Não era só uma questão de memória; ela estava fisicamente muito fragilizada até mesmo para articular o que conseguia lembrar. Então, sua estória permanecerá não contada, o que talvez não teria sido o caso se eu, ou alguma outra pessoa, a tivesse encontrado e entrevistado 20 anos. O que “falhou” não foi sua memória, mas o fato de nós termos perdido o momento oportuno.”²

Portanto, talvez o momento em que entrevistei Dona Cleuza, não fosse o melhor, se acaso tivesse entrevistado-a um dia antes, um mês antes, uma ano antes ou até um ano depois ela teria se recordado melhor, o que aconteceu foi o momento em que a entrevistei que não foi o melhor.

² Portelli, A. In Fenelon Déa et alii. Muitas Memórias, outras histórias, Olho d'água, SP, 2004, p.4.

Mas, também, encontrei pessoas que se sentiram felizes e recompensadas por serem lembradas, ouvidas, convidadas a rememorar e enfim, de poderem contribuir com a pesquisa.

Entre as dificuldades apresentadas, esteve a tentativa de estabelecer previamente a metodologia com que trabalhar na coleta de fontes. Ocorre que a subjetividade, tão discutida entre os pesquisadores que trabalham com a fonte oral, também está presente no formato do relato. Lidamos com sujeitos que tem características e personalidade própria e como tal, cada um tem a sua própria forma de narrar.

Foram estabelecidas entrevistas em que foram colhidos depoimentos livres, pois, não estava diante de documentos num arquivo qualquer, que manuseamos da forma que queremos, mas, de pessoas que pensam e têm personalidades, o que pressupõe diálogo e troca de conhecimentos.

Mas esta dificuldade não constitui um problema, ao contrário, amplia e enriquece as possibilidades de trabalho como afirma Aspásia Camargo:

“O que colhi da minha experiência é que a metodologia potencial ganha quando somos livres. Livres para usar instrumentos, procedimentos, abordagens diferentes”.³

Acreditamos que um manual de procedimentos e normas sirva como parâmetro de ação, principalmente na coleta e organização

³ Camargo, Aspásia. História Oral e Política. In: Moraes, Marieta (org), História Oral Rio de Janeiro, Diadorm/Finep, 1994. p.81.

das fontes, porém ele não deve ser uma “camisa de força” que limite a criatividade e a espontaneidade, seja do pesquisador ou do entrevistado.

Essa perspectiva de trabalho ainda gera muitas discussões entre historiadores e cientistas sociais. Entre os adeptos, quanto à sua classificação: se é uma metodologia, uma técnica ou uma disciplina, uma fonte alternativa ou complementar, fazendo com que surjam propostas de trabalho diferentes, que acabam convivendo num mesmo território. Entre os opositores, a preocupação com a investigação da verdade ainda está muito presente e a fonte oral é vista com considerável reserva.

Se se considerar a posição de Portelli, vemos que a História Oral *“é um texto de múltiplas vozes e múltiplas interpretações dos entrevistados, nossas interpretações e as interpretações dos leitores.”* e por isso ele afirma que *“o centro do trabalho da História Oral é a interpretação (...) os fatos não existem, a não ser enquanto são construídos culturalmente com tais. Os fatos já são filtrados como representações; por outro lado, as representações declaram-se, reivindicam ser fatos e então, quem é que faz a interseção entre os fatos e as representações? Eu acredito que esta seja a tarefa da História Oral. (...) Colocar em relação esses fatos com essas representações”.*⁴

⁴ Portelli, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. Projeto História, PUC-SP, n. 15, p. 27, Abril/97.

A interpretação do vivido é que constitui a fala do narrador: não é mais, exatamente 'como ele viveu' que ele narra, mas é como ele percebe hoje o vivido, ou é como ele gostaria que fosse.⁵

A experiência está presente na interpretação que o narrador faz do passado. O que ele narra, não é a história "tal como aconteceu", mas a visão que tem hoje, repleta de experiência acumulada e organizada pela memória no momento em que é convidado a lembrar.⁶

Outro autor referenda esta posição, observando que o uso das fontes orais proporciona ao historiador construir um discurso de interpretação histórico mais completo, mais rico e complexo. Entende-se que isso se deva ao espaço de trabalho que o historiador tem entre o fato e a interpretação do mesmo, por quem narra. Esse autor, citando Ronald Fraser, afirma que "a utilização de fontes orais permite articular as experiências daqueles que, a partir de uma perspectiva histórica, estão desarticulados".⁷

Contribuindo com esse debate, Mercedes Vilanova afirma que *"... a fonte oral é uma fonte viva, é uma fonte inacabada, que nunca será exaurida"* e declara que *"a História bem feita que queremos fazer é uma história inacabada. (...) a fonte oral, posto que é viva, é parcial"*. Para a autora do texto citado, essa parcialidade é muito positiva pois coloca o entrevistador e entrevistado em confronto,

⁵ Portelli, A. O que faz a História Oral diferente. Projeto História, PUC_SP, n. 14, p.31, Abril/97 e Thomson, A. Reconstruindo a Memória. Questões sobre a relação entre a História Oral e memórias. Abril/97. Projeto de História, PUC-SP, n.15, p.57, Abril/97.

⁶ Samuel, R. Teatros de memória. Projeto História, PUC-SP, n. 14, p.44, Abril/97.

⁷ Garrido, Joan del Alcázar i. As fontes orais na pesquisa histórica: uma contribuição ao debate. Revista Brasileira de História, SP, v.13, n.25/26, p.33-54, set.92/ag.93.

numa relação política onde *“pode-se buscar as diferenças e também a unidade(...) constitui um processo de aprendizado”*.⁸

A fonte oral é inacabada, porque é viva e porque nunca teremos a totalidade do vivido, resumida numa fita cassete.⁹

O relato é sempre parcial, pois *“as experiências que tivemos nunca terminam, porque as estamos refazendo constantemente, dando-lhes um novo sentido, re-lembrando”*.¹⁰ E a abordagem histórica que se faz de um relato é também, inacabada e parcial. O trabalho na pesquisa nos coloca diante de pessoas e pontos de vista, com os quais podemos divergir ou concordar e isso faz com que privilegiemos determinadas análises em detrimento de outras.

Nesta pesquisa, a fonte oral é que possibilitou o conhecimento, mesmo que parcial, da temática escolhida dentro do período recortado.

A experiência é a categoria que permite um olhar no reverso do tecido, colocando à mostra os nós e suas imperfeições, uma vez que a organização, a unanimidade e a harmonia do lado principal não os revelam.

Buscando em E. P. Thompson o suporte para compreender a diversidade, em meio a uma aparente unanimidade sobre o caso Orlando Sabino em Capinópolis e em outras cidades da região do Pontal do Triângulo. Constitui-se uma imagem que a experiência dos atores e o tempo, vieram desmistificar. Porém, não

⁸ Vilanova, M. Pensar a Subjetividade: estatísticas e fontes orais. In: Moraes, M. de. (Org) História oral e Multidisciplinaridade. Rio de Janeiro: Diadorim/Finep, 1994, p.47.

⁹ Portelli, op. Cit., n.14, p.36.

¹⁰ Thomson, A. Debate realizado no evento ‘Ética e História Oral’. Projeto História, n.15, p.77, Abril/97.

afasta a sua presença, que, se não esteve presente em todas as relações com a mesma intensidade, pairou sobre o contexto, atingindo em alguns casos, níveis extremos.

Segundo Portelli: *"O principal paradoxo da história oral e das memórias é, de fato, que as fontes são pessoas, não documentos, e, que nenhuma pessoa, quer decida escrever sua autobiografia, quer concorde em responder a uma entrevista, aceita reduzir sua própria vida a um conjunto de fatos que possam estar à disposição da filosofia de outros (nem seria capaz de fazê-lo, mesmo que o quisesse). Pois, não só a filosofia vai implícita nos fatos, mas a motivação para narrar consiste precisamente em expressar o significado da experiência através dos fatos: recordar e contar já é interpretar. A subjetividade, o trabalho através do qual as pessoas constroem e atribuem o significado à própria identidade, constitui por si mesmo o argumento, o fim mesmo do discurso. Excluir ou exorcizar a subjetividade como se fosse somente uma fastidiosa interferência na objetividade factual do testemunho quer dizer, em última instância, torcer o significado próprio dos fatos narrados."*¹¹ Por isso, a subjetividade existe, e constitui, além disso, uma característica indestrutível dos seres humanos.

Os jornais que circulavam a região, dentre eles o Jornal Correio de Uberlândia, traz impresso a imagem que a população estabelecera sobre a figura de Orlando Sabino. Uma imagem repleta de mitos e personagens lendários das histórias em quadrinhos, traduzindo uma idéia de pânico, medo e terror da qual a população daquele período vivenciou.

¹¹ Portelli, A. "A Filosofia e os fatos, narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais", em TEMPO, Revista do departamento de História da UFF, RJ, v.1, n.2, 1996, p.72.

Através da análise de tais fontes foi possível trabalhar com os mitos que se criaram na memória dos moradores em torno da figura de Orlando Sabino, bem como os rituais que se estabeleceram em torno do fato, fazendo com que a população alterasse o modo de vida, se recolhendo à partir de certa hora do dia e se privando das horas de lazer.

O objetivo deste trabalho é analisar as fontes apresentadas sobre o caso Orlando Sabino: "O MONSTRO DO TRIÂNGULO", trabalhando inicialmente a construção do fato, desde as primeiras aparições, até a prisão do suposto assassino.

Trabalhar também, os mitos e rituais, analisando aquilo que foi construído na memória popular e a repercussão que o fato estabeleceu na vida dos moradores fazendo com que esta se alterasse de forma significativa.

A pretensão é a de que este tema abra outras perspectivas e possibilidades de leituras sobre esse período. Quer ser ainda um estímulo aos estudantes de história no sentido de abrir outras possibilidades de pesquisa e de recuperar a memória, não apenas do município de Capinópolis, mas de toda a região do Pontal do Triângulo Mineiro.

O presente trabalho foi dividido em dois capítulos.

No primeiro capítulo, fez-se uma discussão sobre de que forma o fato se construiu na memória da população, como chegaram as primeiras informações. De que maneira eram divulgados os crimes pelos jornais e revistas da época, onde começaram os crimes, como chegou até o Pontal do Triângulo Mineiro, as primeiras aparições do suposto "monstro" do Triângulo e de que forma as autoridades

receberam tais informações, fazendo com que montassem um enorme aparato policial incluindo até policiais do DOPS.

No segundo capítulo, discutiu-se como a população caracterizou a figura de Orlando Sabino, transformando-o em suas mentes em algo muito perigoso. Orlando Sabino foi tratado pela população como o *Monstro*, e transformou-se em um mito até os dias atuais e que prevaleceu nos cordéis e na literatura. Discutiu-se também como o medo que a população sentiu naquela época fez com que esta alterasse completamente a maneira simples de viver das pessoas de um pequena cidade como era e é Capinópolis.

Capítulo 1. A construção do fato

Neste capítulo vamos discutir que o que se mostra interessante no caso Orlando Sabino, é inicialmente, como este chegou até a população capinopolense, como foi difundido, e de que forma chegaram as primeiras informações.

A região do Pontal do Triângulo Mineiro e toda a opinião pública foi sacudida por inusitada onda de crimes durante os meses de março e abril de 1972. A imprensa noticiava em manchetes diárias a existência de um criminoso que percorria a região do Pontal de Minas Gerais, Alto Paranaíba e Goiás, assustando os moradores, em especial aqueles da zona rural:

“Uma série de assassinatos e matança de animais vinha ocorrendo há dois meses, do Alto do Paranaíba ao extremo

noroeste do Triângulo Mineiro, margeando a divisa Minas-Goiás."¹²

Tais crimes eram executados com certa regularidade e com as mesmas características, fazendo suspeitar que viessem sendo cometidos por uma mesma pessoa, talvez tomada de loucura.

De acordo com a imprensa e os relatos dos moradores de Capinópolis, a primeira aparição de Orlando Sabino se deu em lugares diferentes, o que me fez perceber que a memória de cada entrevistado, constrói o início do fato de formas diferentes e isso acontece porque cada indivíduo elege um determinado ponto, como sendo crucial para começar a relatar o fato. Podemos perceber nos diversos relatos a diferença: para um, a primeira aparição, as primeiras notícias vieram de Tupaciguara, para outro, em Pires do Rio (Goiás), para outro em Mineiros (Goiás), para outro em Canápolis .

Há três anos atrás (29-06-2003), o jornal Correio de Uberlândia, publicou uma série de reportagens sobre o caso, e dentro desta, este mesmo jornal aponta a primeira aparição:

Segundo os registros da época, "Orlando Sabino teria começado a matar na região no final de 1971. Um de seus primeiros crimes aconteceu no dia 29 de dezembro daquele ano, na Fazenda Cachoeira, em Coromandel.

Após assassinar a golpes de foice e faca a vítima, ele teria seguido a pé e provavelmente na carroceria de algum caminhão para o Pontal. De acordo com processo que se encontra no Fórum de Coromandel, o acusado, então com 25 anos, e procedente de

¹² Revista Manchete; n 1040; 25 de março de 1972; p.18

Arapongas, no Paraná, invadiu a casa de Joaquim Lopes da Silva, pegando-o de surpresa. A vítima foi atingida com golpes de foice, ferramenta utilizada por ele na roça. Depois, Sabino pegou uma faca e a atingiu por três vezes. Após matar o fazendeiro, o criminoso pegou a faca, furou uma lata de óleo de cozinha e preparou, no fogão da residência, uma ligeira refeição composta de arroz, ovo e farinha. Alimentado, voltou para onde havia deixado o corpo, o cobriu com um paletó e desapareceu, deixando para trás o rastro dos pés sobre o sangue e um caldeirão.

Como desapareceu misteriosamente e, de repente, teria aparecido em Canápolis onde supostamente fez mais vítimas, Orlando Sabino passou a assombrar a população rural. “

Já, o mesmo jornal, em março de 1972, já relata uma outra primeira aparição:

“O primeiro ocorreu em Vazante, onde a mulher de um sitiante apareceu morta, retalhada a facão. Alguns dias depois, outro sitiante foi encontrado nas mesmas condições, num casebre de Coromandel. Daí a cinco dias, um personagem estranho era visto em Abadia dos Dourados, cidadezinha a poucos quilômetros de Coromandel.”¹³

À partir do episódio de Abadia dos Dourados começou a caçada ao criminoso. Ninguém, nem mesmo a polícia tinham uma idéia concreta de quem e como seria este criminoso.

¹³ Jornal Correio de Uberlândia, março de 1972.

Uma nova compreensão sobre a mídia e o apoio de estudos de outras áreas nos auxiliou a entender que essa linguagem “não distorce a realidade”, como era costume pensar, mas, sim, participa na constituição dos elementos e fatos que expressa e reflete; passamos a entender que narrativas sobre questões tensas ou *censuradas funcionam mais como mitos, representando, em forma de narrativa, o que não pode ser resolvido na vida real.*

De acordo com a imprensa foram solicitados à Secretaria de segurança Pública de Minas gerais, helicópteros e cães adestrados, para percorrerem a região do triângulo mineiro onde 70 soldados da Polícia Militar e agentes do DOPS (Departamento de Ordem Social e Política) foram empenhados na caçada de um indivíduo não identificado e que foi considerado responsável pelo assassinato de nove pessoas em pouco mais de uma semana.

Segundo o tenente da polícia militar na época, o tenente Vicente de Paula, disse que as primeiras notícias dos crimes foi divulgada em Catalão, no estado de Goiás, próxima à divisa com Minas, onde três pessoas foram mortas, aparentemente sem motivo. Revelou que todos os recursos policiais foram mobilizados para a captura do criminoso, e que de Uberaba seguiram 40 homens da Polícia Militar. Após atingir o território mineiro, o criminoso refugiou-se na região compreendida pelos municípios de Centralina, Canápolis, Capinópolis, Prata, Frutal e Ituiutaba.

Ágil, esperto e violento, foram as qualificações que o tenente Vicente de Paula deu para o criminoso na época. Disse que *todos os crimes foram praticados aparentemente sem motivos e contra pessoas da zona rural.*

A população, supostamente, perante as divulgações dos jornais, também atribuiu determinadas qualificações ao criminoso do Pontal, é o que relata o Sr. José Sebastião da Silva após ler um jornal da época:

“... quando eu vi o jornal falano que o home deu um combate com 45 home armado entre Catalão e Três Rancho, Goiás, eu falei: Nossa Senhora! O home é esperto, é bão atirador, bão nadador e bão canoeiro.”

Podemos perceber que o Sr. Sebastião, baseou-se no significado que a tamanha ação policial divulgada pelo jornal da época teve para ele em si e à partir daí, atribuiu determinadas características ao criminoso.

Uma ação policial tão intensa, que a região jamais havia presenciado. Verificou-se o deslocamento de Belo Horizonte, da tropa da polícia militar de Minas Gerais para uma distância de mais de 600 quilômetros. Além do comando do titular do 4º Batalhão de Polícia, sediado em Uberaba, Cel. Newton de Oliveira, foi destacado ainda, para a mesma missão o Cel. João Victor de Andrade, o próprio diretor de operações da polícia militar mineira. Além disso, foram empregados centenas de policiais treinados especialmente para o combate de guerras nas selvas, walkies-talkies, técnicas de rastreamentos utilizadas em guerrilhas e cães amestrados e elementos do DOPS. Toda a ação policial recebeu o nome oficial de “Operação Agulha no Palheiro”.

Toda essa ação da polícia, foi também divulgada nos jornais da época, vejamos como isso foi traduzido nas publicações do jornal *Correio de Uberlândia* de 5 de março de 1972:

“Cães amestrados, aviões, elementos especializados em caçadas de gente no mato, dezenas de soldados e voluntários, prosseguem a busca gigante ao homem sem cara, sob quem pesa a acusação de ter matado barbaramente nove pessoas.

Coronel José Vitor, chefe do Serviço de Operações da PM, Minas Gerais, passou ontem por Uberlândia e foi para o Pontal assumir o comando das buscas ao criminoso que Há mais de dez dias está aterrorizando a região do Pontal.

Soldados, detetives, oficiais da PM, voluntários e batedores embrenhados nos arrozais do Pontal, quase à margem do Paranaíba, continuavam ontem a caça ao homem que foi acusado de nove mortes e do abate de 19 bezerros de raça numa fazenda de Capinópolis”.

Em Capinópolis de acordo com a imprensa e os testemunhos, verificou-se nesse período, apenas a morte de um casal de velhos e dos dezenoves bezerros. Foram esses dois episódios que marcaram a memória da população como sendo o momento de início de todo o terror e o motivo do grande número de policiais convocados para capturar o criminoso. Todos os entrevistados relataram a morte do casal e dos bezerros, identificando os dois episódios como importantes acontecimentos do caso na cidade de Capinópolis.

“quando matou essa bezerrada aí... fora o casal de velho também...”¹⁴

“... na semana seguinte o home surgiu aqui, certo. Depois já matou aqueles preto né, depois matou os 18, 19 bezerro ali no Juquinha...”¹⁵

“... aí ele veio pra cá e matou um casal de pretos pra lá da AABB, ... pegou a foice, foi lá no Juquinha e matou 19 bezerros”.¹⁶

“... ele matou um casal de velhos ali naquela balanço onde é o Campo Fértil... ele matou aqueles bezerro lá no Juquinha...”¹⁷

“... matou um casal de pretos e os bezerros do Juquinha!”¹⁸

“... em Capinópolis, o primeiro crime dele foi quando matou um casal de pretos, sô Oprimo Ismael dos Santos e a mulher dele que até foi minha conhecida, mais eu não recordo o nome. E no dia seguinte de manhã ele matou nos currais da fazendeiro Juquinha Maximiano do outro lado da ponte, 19 bezerros.”¹⁹

Quando entrevistados, os dois policiais aposentados e participantes da Polícia Militar de Capinópolis em 72, percebemos que muitas vezes os relatos desses mesmos, estão relacionados à memória oficial e, e esta se concentra sobre a organização policial, ou seja, como esses policiais se organizaram militarmente. Podemos observar no depoimento do Senhor Ivaldo Mendes Ferreira, 2º tenente aposentado da Polícia Militar de Capinópolis:

“eu estava saindo com o delegado regional daquela época, Dr. Irineu com o motorista dele, eles iam pra Cachoeira Dourada em captura dele, inclusive eles me chamaram e eu falei, não, eu não

¹⁴ Clauza Prado Batista, 60 anos, entrevista concedida a autora.

¹⁵ José Sebastião da Silva, 78 anos, entrevista concedida a autora.

¹⁶ Elza Maria de Lima, 49 anos, entrevista concedida a autora.

¹⁷ José Padovani Filho, 64 anos, entrevista concedida á autora.

¹⁸ Júlia Maria da Silva Pereira, 54 anos, entrevista concedida á autora.

¹⁹ Janeir Parreira Reis de Lima, 69 anos, entrevista concedida á autora.

vou deixar o destacamento aqui sem ninguém, não tem delegado, não tem ninguém aqui...”

“Até a morte desse povo aqui, não tinha tanto policial, foi depois que o comandante do batalhão de Uberaba veio e montou aqui o comando lá na Agrocere pra pega ele.”²⁰

Como foram feitas as exigências do comandante do Batalhão da Polícia militar de Uberaba:

“ele falava: eu quero é que pegue o home, eu quero é que pegue o home!”²¹

“... então ele exigiu pra pousar onde fosse, no mato, e foi o que aconteceu com o policiamento que tava lá no ...”²²

As dificuldades e a demora para receber informações,

“... mais até a informação chegar aqui pra nós, ele já tava num lugar muito diferente”²³

“...igual o tenente falou, quando chegava a notícia aqui pra nois, até a gente chegar lá onde ele foi visto, ele já tinha vazado.”²⁴

As reconstituições dos crimes, “sobre a reconstituição do crime, depois que chegaram aqui na delegacia, foi procurado pelo delegado...”²⁵

²⁰ Geraldo Francisco dos Santos 77 anos, entrevista concedida á autora.

²¹ idem.

²² Ivaldo Mendes Ferreira, 69 anos, ; entrevista concedida á autora.

²³ Idem.

"nois não presenciemo a reconstituição dos crimes não".²⁶⁾

Os laudos policiais:

"aí nós voltamo aqui, levamos o doutor Fausto pra lá pra fazer..."²⁷

"o laudo policial"²⁸

"isso! Tinha policiamento esparramado nessa região toda né!"²⁹

Os policiais entrevistados atribuíram uma enorme importância a todo o movimento policial que se instalou na região durante aquele período. Até mesmo a rua da delegacia compõe um fato determinante de suas memórias, quando os mesmos a caracterizaram como o lugar em que as pessoas se sentiam mais seguras, fazendo com que muitas viessem a passar as noites e os dias ali naquela rua. Ela passou a ser sinônimo de segurança para a população naquela época:

"essa rua aqui ó, esse quarteirão aqui (estávamos no quarteirão e rua da delegacia de Capinópolis, av.105) parecia romaria à noite... o povo ficava aqui na rua era de medo..."³⁰

²⁴ Geraldo Francisco dos Santos 77 anos, entrevista concedida á autora.

²⁵ Ivaldo Mendes Ferreira, 69 anos, entrevista concedida á autora.

²⁶ Geraldo Francisco dos Santos 77 anos, entrevista concedida á autora.

²⁷ Ivaldo Mendes Ferreira, 69 anos, entrevista concedida á autora.

²⁸ Geraldo Francisco dos Santos 77 anos, entrevista concedida á autora.

²⁹ Ivaldo Mendes Ferreira, 69 anos, entrevista concedida á autora.

³⁰ Ivaldo Mendes Ferreira, 69 anos, entrevista concedida á autora.

A quantidade de dias gastos para fazer a captura do suposto criminoso e até mesmo a ineficiência do DOPS, foi narrado pelo Sr. Geraldo, soldado do destacamento local da polícia militar em 72. Ele aponta em seu relato um descontentamento enorme com esses policiais, pois segundo o depoente, “se dependesse deles pra pegar... eles veio com cão e tudo pra pegar, se dependesse deles não tinha pego não! E quando perguntei a ele, o porque de tal descaso do DOPS ele nos relatou o desinteresse dos policiais perante o acontecimento, ...” Não tinha pego, porque eu mesmo saí com eles e eles quando chegava numa sombra eles ia e ficava lá deitados fazendo hora. Ir pro mato igual a polícia militar fazia, eles não ia não, nenhuma vez. Eu falo, porque eu andei com eles”.

O objetivo do relato dessas autoridades policiais, foi o de demonstrar como a polícia local se mostrou eficiente e como que o DOPS, por ser um órgão policial de importância na época, não se desempenhou da forma como os policiais e, principalmente a população da região esperaram.

Portanto podemos dizer que, de certa maneira a presença do DOPS foi uma forma de aumentar a repercussão do caso, tanto para a imprensa e, conseqüentemente a população, porque para esta, componentes do DOPS instalados na região, se tornaria mais agravante o caso, foi a partir da vinda desses policiais que a população passou também a considerar como perigosa a situação pela qual estavam passando. No depoimento de alguns moradores e até das autoridades, nós percebemos essa relevância, a importância

que deram à presença desses policiais: “veio cento e cinquenta policiais de Belo Horizonte, do DOPS...”³¹

Segundo Janeir Parreira Reis de Lima “foi acionado inclusive a polícia do Departamento de Ordem Social e Política, o DOPS, e o comandante do DOPS de Minas gerais aqui esteve trazendo consigo policiais pertencentes ao quadro especial, polícia motorizada e até helicóptero apareceu aqui por conta do DOPS”. O depoente se recorda que toda essa ação policial que se instalara na região, segundo ele, era tudo muito inédito: “lembramos muito bem que foi uma ação inédita porque não conhecemos em nossa região um movimento, mesmo que fosse uma guerrilha praticado aí por uma caravana, chamasse tanto a atenção da polícia mineira, como foi o caso Orlando Sabino”.

Muita repercussão, muito pânico, euforia, quando na verdade, após alguns dias de procura, a polícia apresentou à população como sendo o “monstro do Triângulo” um homem baixo, com características de débil mental cujo nome Orlando Sabino. Depois de capturado, foi exposto para todos verem na delegacia de Capinópolis e, à partir de então a tranquilidade retornou.

De outro lado, temos a memória de sentido comum, que exagera, modifica, cria mitos, conta histórias. Segundo Portelli:

“Contar uma história é tomar as armas contra a ameaça do tempo, resistir ao tempo ou controlar o tempo. O contar uma história preserva o narrador do esquecimento; a história” constrói a

³¹ Elza Maria de Lima, 49 anos, entrevista concedida a autora.

identidade do narrador e o legado que ela ou ele deixa para o futuro.

Para que o contador se recupere do tempo e se movimente para frente no tempo, o conto precisa ser preservado. Isto se aplica tanto às narrativas individuais quanto às coletivas: aplica-se também aos mitos que moldam a identidade de um grupo, tanto quanto às recordações pessoais que moldam a identidade do indivíduo.

O fato de um relato ser um confronto com o tempo está implícito na tentativa de gravar um tempo especial em que ele pode ser colocado – um tempo fora do tempo, um tempo sem tempo. É o tempo do mito e o tempo do conto de fadas (como em “era uma vez”). Pode ser o tempo de certas recordações pessoais: a fórmula “nos-tempos-da-escravidão” usada na tradição negra para apresentar tanto relatos populares e pessoais quanto narrativas de família; ou a fórmula “antes-da-guerra” ou “pré-fascismo” que retira os eventos da cronologia habitual em muitas histórias de vida e recordações pessoais, e até ajuda a tomar uma figura histórica como Antonio Gramsci um personagem semi-mitológico.³²

No contar estórias, a população do Pontal, relata o caso Orlando Sabino como muito real e á partir daí trouxeram à mente diversos momentos em que viveram o caso e participaram, as pessoas sempre afirmam com determinada certeza que, o criminoso existiu, mas ninguém de fato viu, não sabia sua fisionomia, sua idade, etc., a população somente descreveu na mente um homem que ela imaginava à partir daquilo que era transmitido pela imprensa e pelas próprias pessoas.

³² Portelli, A. In Fenelon Déa et alii. Muitas Memórias, outras histórias. Olho d'água, SP, p. 1, 2004

O Sr. Manoel em seu depoimento afirma com clareza que esteve com Orlando Sabino em sua casa, na fazenda Ventania próximo ao município de Ipiaçu. Segundo ele, Orlando Sabino esteve em sua casa muitas vezes e que ele serviu comida à ele e que contou as histórias dele para o Sr. Manoel. Quando perguntei ao Sr. Manoel que tipo de histórias ele havia contado, era simplesmente aquilo que o povo ficou sabendo depois que prendeu o criminoso, aliás, no depoimento o Sr. Manoel apenas disse que Orlando Sabino havia lhe falado que era de Arapongas, e essa informação só foi fornecida aos policiais após a prisão de um homem, que lhe foi atribuídos os crimes cometidos no Pontal. Observemos o depoimento:

*"é fazenda Ventania. Eu morava lá. Ele teve lá em casa muitas vez. Eu vi dei cume pra ele! Ele me contou as história dele tudim! A hora que ele me contou eu falei pra ele: daqui pra frente você não faz isso não! uai, ele contou que pra trás aqui pro lado da Araponga onde ele morava ele fazia o que ele queria. Eu tinha umas arma pendurada na parede e ele com o prato de comida e olhando. Eu falei: isso aqui você ta contando, ou eu, ou minha muie(minha muié atira melho do que eu) e o meu sogro também atira bem, se você fizer isso aqui ó, você ta olhando demais prali. Eu não chamei a polícia porque o acampamento tava longe de mim, no que eu avisei o acampamento eles foram atrás, eles tava uns 2 KM lá de casa. Aí depois que ele saiu, eu olhei ele já tava um km de casa."*³³

Um depoimento, do Sr. Geraldo Francisco dos Santos, atribui características ao criminoso, como sendo de um homem muito

esperto pra se esconder, comparando-o a um soldado de guerra que tivesse práticas de esconderijos:

“ele era muito esperto, mais esperto fora de série, eu falo assim... pra se esconder, parece assim que ele já foi na maior guerra do mundo pra saber como faz pra esconder.”

Com relação, se as pessoas viram ou não, o assassino procurado por um enorme contingente policial, várias afirmaram tê-lo visto, porém ninguém ao certo podia dizer como era a cara do homem, seu nome, sua descrição física e exata. Contudo, de acordo com as notícias divulgadas, a população passou a imaginar suas características físicas. Observemos a reportagem do jornal Correio de Uberlândia divulgada no dia 12 de março de 1972 em que o mesmo relata uma descrição de um homem sem rosto, deixando assim, para a população imaginar o que quisesse:

“Homem sem cara, ninguém lhe conhece o nome. Há suposições. Nada certo. Os que viram-lhe o rosto não conseguem descrevê-lo, pois viram por fração de minutos. O homem é um mistério completo e pode atacar a qualquer momento fazendo mais vítimas. É de tão sorte em sua fuga que nem o faro treinado dos pastores alemães da Polícia Militar conseguiu localizá-lo...”

A população, perante às notícias divulgadas criou uma imagem de uma pessoa forte, esperta,alta, etc. é o que disse o Sr.

³³ Manuel Pereira Duarte, 75 anos, entrevista concedida a autora.

Geraldo Francisco dos Santos, soldado da polícia militar na época: “primeiro, todo mundo achava que ele era um mundo véi de homem...”

Já o Sr. Janeir nos relata da seguinte forma:

“cada um imaginava o personagem de acordo com seu livre arbítrio, então, eu imagino que seja um gigante, o outro achava que era um sujeito forte assim, com cara de bandido, outro achava que podia até ser uma mulher também...” portanto, o criminoso era imaginado da forma que cada um quisesse imaginar, pois ainda não se tinha uma prova de quem poderia sê-lo”.

A brutalidade com que eram divulgados seus atos fazia prever um homem forte, misto de besta e gente, arisco e invisível. Um homem que ninguém sabia como chamar. Sem dúvida, a imprensa reproduziu em linhas gerais, destacando a brutalidade dos crimes, o aparato policial formado na região e a toda hora uma história era contada, era crime pra todo lado do Pontal e a toda momento nos jornais era divulgado. O jornal Correio de Uberlândia ao destacar os crimes, os relatava de uma maneira que causava em toda população um medo e um terror muito grande, pois as notícias eram divulgadas à toda hora e ninguém sabia o nome do assassino. A imprensa passou a chamá-lo de monstro, tarado sexual, lobisomem e até mesmo de Fera do Pontal. Vejamos alguns títulos das manchetes dos jornais na época:

“Lobisomem de Canápolis continua sendo caçado.” ³⁴

“Continua a caçada gigante ao monstro.”³⁵

“Coronel veio chefiar operações de caçada à Fera do Pontal.”³⁶

Para a população essas informações serviram de referência para que se criasse a imagem do criminoso. A cidade começou a tratá-lo de o “homem mau”:

“Até então, antes de pegar, ninguém sabia o nome dele. Falava o Homem Mau”³⁷

“A conversa que se tinha era do homem brabo. Falava o homem brabo, o Homem Mau.”³⁸

Quanto mais eram divulgados os crimes, mais a população trabalhava a imaginação, então, foram criando pra si, a imagem de um louco, de um marginal. No depoimento da Sra. Júlia, ela apresenta as variadas qualificações que se dava ao assassino:

“Então passou por esta região circundando Capinópolis um homem, um suposto andarilho, mas que era conhecido como marginal, monstro, pessoa com comportamento paranormal...”³⁹. Perante às

³⁴ Jornal Correio de Uberlândia; 2 de março de 1972; p.04.

³⁵ Jornal Correio de Uberlândia; 5 de março de 1972; p.08.

³⁶ Idem.

³⁷ Elza Maria de Lima; auxiliar administrativa; 48 anos, entrevista concedida a autora.

³⁸ José Sebastião da Silva; pequeno agricultor; 68 anos, entrevista concedida a autora.

³⁹ Júlia Maria da Silva Pereira; professora; 53 anos, entrevista concedida a autora.

dificuldades que a polícia encontrara, a mesma, solicitou e autorizou a ajuda de toda a população que estivesse disposta a ajudar na captura. É o que nos relatou o Sr. Janeir: “e aí, naquela época a própria autoridade autorizou a população inteira que se armasse de canivete até carabina, fuzil, todo mundo andava armado na rua, e ainda arregimentando gente, quem estivesse disposto a nos ajudar a capturar o homem, vamos sair à caça dele”.

No entanto, ninguém podia ter idéia de sua aparência, apenas criaram em suas mentes aquilo que eles pensavam ser o homem que estava praticando tais crimes.

De acordo com imprensa da época, a primeira idéia de sua aparência: moreno, de cabelo grande e avermelhado, e barbicha, foi quando em Abadia dos Dourados ele agrediu com uma foice um lavrador que se salvou porque tinha arma de fogo.⁴⁰

A primeira pista obtida foi quando depois de um longo sumiço, um homem foi encontrado esfaqueado em Ouvidor, já em território goiano. Ainda em Goiás, houve mais um crime com as mesmas características, na cidade de Catalão, de onde presumivelmente o homem partiu para novamente ser visto em Três Ranchos (GO) e, logo depois, em Douradoquara. Depois da evasão, ele sumiu novamente, para reaparecer um mês depois.⁴¹

Os crimes, todos brutais, recomeçaram em fevereiro, na cidade de Canápolis na divisa Minas-Goiás.

⁴⁰ Jornal Correio de Uberlândia;02 de março de 1972;p.04.

⁴¹ Jornal Correio de Uberlândia;05 de março de 1972;p.05.

*"Para pegar comida, matou a tiros pelas costas Antônio Batista. Para ter uma bicicleta, picou a facção Enivaldo Oliveira, de 18 anos. Para fazer sexo e trocar de roupa, esfaquejou Inês Fernandes e esfaqueou a sua filha Mariana. Para roubar um relógio, atirou no peito de João Leandro e para fugir, usou a espingarda-chumbeira em Manuel Pinheiro."*⁴²

De acordo com a imprensa, tudo isto se passou em três dias, deixando um saldo de cinco mortos e dois feridos.⁴³ Com todas as vítimas o mesmo ritual: chegava, matava e ia comer ou trocar de roupa. Segundo a manchete do Jornal Correio de Uberlândia de 2 de março de 1972, o tenente Vicente de Paula exemplifica esse ritual do assassino através do assassinato do rapaz de 18 anos da região de Canápolis que teve seu membro sexual decepado e, no caso da mulher conhecida por Inês Fernandes na qual o criminoso parecia ter mantido relação sexual com o cadáver que ficou despido e com diversas facadas.⁴⁴

Diante de tantos crimes, policiais de Uberlândia, Ituiutaba, Centralina e Canápolis foram mobilizados na caça ao assassino da região. A sua reaparição foi ainda mais chocante na cidade de Capinópolis (MG) quando nesta, matou a facadas um preto velho de 80 anos (Oprimo Ferreira da Silva). O velho dava comida aos porcos quando morreu degolado. O louco avançou depois para o rancho e matou da mesma maneira a mulher de Oprimo, Afonsina Maria de Jesus. Parálitica, ela estava deitada numa cama. Depois foi arrastada

⁴² Revista Manchete; n 1040; 25 de março de 1972; p.18.

⁴³ Jornal Correio de Uberlândia; 05 de março de 1972; p.05.

para fora do rancho, violentada e teve sua barriga aberta com mais foiçadas.

Às duas horas da manhã, ele aparecia na fazenda de Maximiano José de Freitas (Juquinha) e fazia outra cena mais brutal ainda: 19 bezerros estavam presos num curral coberto. Foram degolados um a um.

Maximiano disse que, à tarde fora a Capinópolis para ver como estava o movimento. Voltou muito preocupado, ele contou que estava quase adivinhando que o louco iria a sua fazenda:

“- Chamei dois vaqueiros e meu filho, e dei armas a eles. Minha mulher estava doente, deitada na cama. Mais tarde, achando que a fazenda ficaria bem protegida somente comigo, pois fica quase dentro da cidade, mandei os vaqueiros e os meninos montar guarda perto das casas das famílias dos colonos, bem distante da sede. Às duas horas notei que os bezerros estavam inquietos. Minha mulher não me deixou sair e até piorou seu estado. Por isso não fui ver o que era. Os bezerros haviam parado de berrar. De manhã, quando os vaqueiros e meu filho voltavam, descobriram que os bezerros estavam mortos.”⁴⁵

A pedido dos fazendeiros e chefes políticos locais, intensificou-se a caçada, à qual se juntaram elementos da DOPS e da PM2 (Serviço Secreto da Polícia Militar).

“Um verdadeiro teatro de operações antiguerrilha foi então montado, numa área de 70 Km², no triângulo formado pelas cidades de Capinópolis, Ipiaçu e Ituiutaba. Com o nome oficial de Agulha no

⁴⁴ Jornal Correio de Uberlândia; 02 de março de 1972; p.04.

⁴⁵ BORGES, Joaquim. OPERAÇÃO ANTI-GUERRILHA. Editora Juruna, 1979, p.65.

Palheiro, começaram a vasculhar a área de fora para dentro e em círculos concêntricos, na direção do rio Tijuco, para onde pretendiam empurrar o assassino. Os oficiais reconheceram no homem uma resistência impressionante e taticamente um guerrilheiro perfeito.”⁴⁶

Além das brigadas voluntárias, foram empregadas centenas de policiais treinados especialmente para o combate de guerra nas selvas, walkies-talkies, técnicas de rastreamento utilizadas em guerrilhas e cães amestrados. Um avião do Aéro-Clube de Ituiutaba (um Paulistinha) orientou a operação. O Navarro da Pluma (um bimotor), que levou os repórteres também esteve na operação. Segundo a imprensa, o prefeito de Capinópolis da época, o Sr. Iolando Ângelo da Silva telefonou para Rondon Pacheco e colocou-o a par da situação e, três caminhões do exército se deslocaram para a cidade. Dois pelotões de choque do Batalhão de Uberlândia se integraram às buscas. Na fronteira de Minas com Goiás também foi montado um esquema de vigilância.

Toda essa ação policial e a presença de um grande contingente da imprensa, trouxe para a cidade problemas sociais, pois os policiais tinham que se acomodar em algum lugar, se alimentar, e com isso segundo Janeir Parreira, “teve a necessidade da mobilização da administração pública. E como? A prefeitura na época foi acionada também, porque lógico, o problema passou a ser também social né, o policiamento chegando todos os dias. (...) Eu me recordo que na época a prefeitura teve que arcar com despesas até altas de hospedagem de todos esses militares.”

⁴⁶ Revista Manchete; n1040; 25 de março de 1972; p.18.

Perante todo o ocorrido, a polícia apresentou à população, um homem totalmente diferente daquilo que todos imaginaram. Um homem baixo, cabelos avermelhados, enfim um elemento muito simples. Foi pego, segundo a imprensa, às margens do rio Tejuco em cima de uma canoa

“TERMINOU SEXTA-FEIRA A CAÇADA DO PONTAL”

“Finalmente, cerca de 15 hs 30 chegou ao fim a caçada gigante ao criminoso acusado de um sem número de mortes no Pontal do Triângulo Mineiro. O maníaco foi preso nas margens de um pequeno braço do Rio Tejuco, quando munido de uma foice e um facão tentava libertar uma canoa para atravessar para outra margem. Aí foi pilhado em flagrante pelos policiais”.⁴⁷

O lance da prisão de Orlando Sabino foi completamente diverso daquilo que se esperava. O homem não reagiu. Apenas ao receber voz de prisão, quando se dirigia para embarque numa canoa, colocada no local pela própria polícia como armadilha, atirou-se ao rio. Mas quando um dos soldados mergulhou ao seu encalce, o “monstro” se entregou pacificamente sem opor nenhuma resistência.

A figura mirrada e maltrapilha, a fala mansa e baixa, quase inaudível e fisionomia semibestializada, não convenciam que aquele homem surpreendido e preso sem qualquer resistência, pudesse ser o assassino que implantou medo em milhares de pessoas e até em policiais e peões, que preferiam atirar de longe a tentar captura-lo ao vivo.

“Eu vi a captura ali ó, depois veio a DOPS, os cães amestrados e coisa e pegaram a batida dele aí.”⁴⁸

“Quando ele matou o pessoal ali, (...) e veio os helicópteros da polícia, veio também a DOPS.”⁴⁹

Tudo terminou num ponto a oito Km. de Ipiacú entre Capinópolis e Ituiutaba, às margens do Rio Tejuco. Uma canoa foi colocada estrategicamente para atrair o homem. Ao receber voz de prisão atirou-se ao rio e, quando o cabo mergulhou-se sobre ele, o “homem” não reagiu e se entregou docilmente. No seu relato, a Sra. Elza detalha a prisão do criminoso de acordo com o que ela se lembra:

“eles pegou, eu sei que ele tava atravessando o rio Tejuco pra lá, e as policia procurano. Aí ele pegou, você via que ele não era bobo. Aí tinha duas canoa amarrada lá, ele encostou numa , soltou e entrou na outra pro povo não seguir ele. Só que quando ele tava saindo a policia chegou e prendeu ele.”⁵⁰

A maioria dos entrevistados se recordam de que a prisão se deu às margens do rio Tejuco, no município de Ipiacú:

“...diz que pegaram ele lá na atravessada do rio Tejuco”.⁵¹

É interessante, pois quando entrevistada, a dona Cleuza, uma senhora de 60 anos, quase não se lembrou do caso, se sentindo constrangida pediu-me que passasse o gravador para o seu pai, um senhor de 88 anos que estava na sala de sua casa. Quando pedi a ele que me contasse o que lembrava do caso Orlando Sabino em

⁴⁷ Jornal Correio de Uberlândia, 9 de março de 1972, pág.01.

⁴⁸ José Sebastião da Silva; pequeno agricultor, 68 anos, entrevista concedida a autora

⁴⁹ Elza Maria de Lima; auxiliar administrativa; 48 anos, entrevista concedida a autora.

⁵⁰ Elza Maria de Lima; auxiliar administrativa; 48 anos, entrevista concedida a autora..

⁵¹ José Padovani Filho, 64 anos, entrevista concedida a autora.

Capinópolis, o Sr. Laudivino Francisco do Prado só se lembrou da prisão e assim relatou-me:

"pegaram ele lá no tejuco, foi até o delegado de Ipiáçu que pegou ele. Quando ele pulou na água o delegado pulou junto e pego ele, pegaram ele dentro d'água".

A prisão no rio Tejuco foi certamente um fato marcante para a população da região, pois a muito se esperava a prisão, portanto quando feita, certamente marcou a memória dessas pessoas e registrou-se como fato importante, por isso que todos os entrevistados se recordam desse momento e o trazem até os dias atuais em suas memórias.

A prisão do criminoso também foi registrada no cordel:

"Não andaram um quilômetro
logo avistaram o maluco
preparando uma canoa
por que ele era cheio de truque
já tinha feito o plano
p'ra passar o Rio Tejuco"⁵²

Conforme se constatou o lance da prisão de Orlando Sabino foi completamente diverso daquilo que se esperava. O homem não reagiu. Apenas ao receber voz de prisão, quando se dirigia para embarque numa canoa, colocada no local pela própria polícia como

⁵² FILHO, Francisco Henrique. HISTÓRIA DO HOMEM MAU. verso:72.

armadilha, atirou-se ao rio. Mas quando um dos soldados mergulhou ao seu encalce, o “monstro” se entregou pacificamente sem opor nenhuma resistência.

A figura mirrada e maltrapilha, a fala mansa e baixa, quase inaudível e fisionomia semibestializada, não convenciam que aquele homem surpreendido e preso sem qualquer resistência, pudesse ser o assassino que implantou medo em milhares de pessoas e até em policiais e peões, que preferiam atirar de longe a tentar captura-lo ao vivo. Ao ser capturado, o criminoso foi exposto à população. Aqueles que o viram, assim o caracterizaram:

*“Ele era tipo assim, nego aço, um olhão grande sabe? O ce não falava que ele tinha feito esse horror aqui”.*⁵³

*“A aparência dele, uma pessoa muito sofrida, frágil, muito miúdo, cabelos encaracolados, muito assim moreno queimado”.*⁵⁴

*“...ele era bem baixo, homem, um olho arregalado, franzininho mesmo, baixinho...”*⁵⁵

O senhor Janeir, advogado entrevistado, aponta as características psicológicas e culturais do criminoso e não como fizeram os outros entrevistados que apontaram as características físicas do homem. Seguindo o mesmo pensamento do advogado, o senhor Geraldo, policial do destacamento na época, faz uma crítica pessoal quando se refere à Orlando Sabino como uma pessoa doente

⁵³ Elza Maria de Lima; auxiliar administrativa; 48 anos, entrevista concedida a autora.

⁵⁴ Júlia Maria da Silva Pereira; professora; 53 anos, entrevista concedida a autora.

⁵⁵ José Padovani Filho, 64 anos, entrevista concedida a autora.

e débil mental, segundo ele e, afirmando que realmente aquele homem foi o autor dos crimes, Orlando Sabino na sua visão não tinha nada de débil mental, pois se ele teve a capacidade de fazer tanta coisa, como por exemplo matar e esconder uma bicicleta no município de Canápolis e confessar que matou o casal de velhos em Capinópolis. Segundo os relatos do Sr. Geraldo, na reconstituição dos crimes, Orlando Sabino levou a polícia até onde estava escondida a bicicleta e que, quando matou os velhos ficou escondido em cima de um pé de jenipapo, que segundo o depoente ainda existe. Vale ressaltar que o Sr. Geraldo no final de seu relato afirma não ter participado da reconstituição dos crimes:

"quer aonde o povo fala, foi constatado que ele era débil mental, que ele foi pro manicômio lá em Barbacena, mais como é que um louco tem essa idéia de fazer isso? E de andar o contrário? Que débil mental é esse? Só se é um débil mental assim passageiro de vir aquelas onda né, aqueles momento. Igual, na reconstituição de crime, ele falou tudo direitinho, falou onde tinha largado a bicicleta ali em Canápolis, falou q tinha matado o casal de velho aqui, falou que tava trepado no pé de jenipapo, que a polícia passou por debaixo e ele tava trepado no pé de jenipapo, tem até hoje o pé de jenipapo lá, falou dos bezerro porque ele tinha matado os bezerro, 19 bezerro. Ele falou pra polícia de Belo Horizonte, quando vei fazer a reconstituição dos crime. Nois não presenciemo a reconstituição dos crime não, mais aqui dentro da delegacia a gente escutou ele falando."

O povo não acreditou que para capturar aquele homem, tinham sido empregados quase cem homens, walkies-talkies, cães

amestrados e técnicas de rastreamentos e guerra nas selvas. Além disso, centenas de lavradores e fazendeiros montaram um esquema de vigilância para obter um mínimo de segurança no trabalho e para salvaguardar suas vidas.

Antes de ser levado para Belo Horizonte, Orlando Sabino, foi exibido à população de Ipiacú, Capinópolis e Uberaba. Ele falou seu nome, idade presumível e origem – Orlando Sabino, 25 anos, Arapongas, Paraná.

Somente depois de preso é que toda a população pôde chama-lo de Orlando Sabino, segundo Janeir Parreira “tínhamos como referência o monstro do Triângulo, até então não sabíamos Orlando Sabino”.

“depois que pegou ele é que viu que era o Orlando Sabino. Perguntou ele dá onde ele era, ele falou que era do Paraná, diz que era de Arapongas”.⁵⁶

De acordo com a literatura infantil, Orlando Sabino não conseguiu articular mais do que respostas monossilábicas à chuva de perguntas:

- “- Não é não?
- Não senhor.
- Matou a velha com paulada?
- Com paulada.
- O que você fez com ela?
- Matei.
- E depois fez mais o que?

⁵⁶ José Sebastião da Silva; pequeno agricultor, 68 anos, entrevista concedida a autora.

- Besteira.
- Matou para tirar coisas da casa?
- Para tirar um negócio lá na casa lá."⁵⁷

Segundo a população e a imprensa, Orlando Sabino matava para entrar nas casas e se alimentar, um dos motivos principais de seus atos era matar pra comer e se vestir. A revista Manchete de 25 de março de 1972 relatou que ao matar o casal de velhos com brutalidade, com os cadáveres ao seu lado, ele se alimentou e trocou de roupas:

"ele chegou à noitinha, quando o velho ao voltar da roça, dava milho aos porcos. Com violência incomum, mesmo comparada a de seus crimes anteriores, ele degolou o velho e sua mulher e esmagou-lhes o crânio com um porrete. Com os cadáveres a seu lado, mais uma vez realizou o ato automático de comer e trocar de roupa".

Lembra-se de ter visto seu pai, um lavrador paranaense, sendo assassinado a tiros pelo patrão ao reclamar seu salário. Devia ter nessa época entre três a cinco anos:

- "-Meu pai foi atirado sim senhor.*
- Quem matou ele?*
- Um cabra lá.*
- Faz muito tempo?*
- Um tempo bão.*

⁵⁷ LEITE, Alciene Ribeiro, DRÁCULA TUPUNIQUE Editora RHJ, 1989, p.30.

-Gosta de açúcar?

-Açúcar é açúcar." ⁵⁸

Orlando Sabino foi levado nas cidades da região, exibido ao público como uma fera capturada:

"- Ah! Quando ele foi preso, aí a prova foi concreta, eu falo porque eu fui lá, eu tive a oportunidade de vê-lo, fiquei aproximadamente uns três metros com ele, assim perto, ele não falava nenhuma palavra nítida né. (...) ele apenas balançava a cabeça afirmando ou não o que era perguntado pra ele". ⁵⁹

A prisão de Orlando Sabino foi comemorada por toda a cidade:

"- Aparato bélico desfilou pelas ruas da pacata cidade, tremendo alicerces. Exibiu-se o "monstro" acorrentado num tanque de guerra. Encerrou o cortejo uma profusão de jogos de artifício. Auto-falante com todos os decibéis a que tinha direito, ia na frente." ⁶⁰

"até concessão de título como um ato de bravura né, capturar o monstro do triângulo, o superintendente do DOPS foi agraciado com o título de cidadão honorário naquela época" ⁶¹.

Era como se o assassino fosse um troféu que estava ali sendo exposto pela polícia:

⁵⁸ Idem.

⁵⁹ Júlia Maria da Silva Pereira; professora; 54 anos, entrevista concedida a autora.

⁶⁰ LEITE, Alciene Ribeiro, DRÁCULA TUPUNIQUIM. Editora RHJ, 1989, p.27.

⁶¹ Janeir Parreira Reis de Lima, 69 anos, entrevista concedida a autora.

“... então ele foi exposto ali como uma prova, uma amostragem pra todo mundo”.⁶²

“Ele veio pra Capinópolis
quando chegou na cidade
todo pessoal sabia
que era uma realidade
que ver pessoalmente
todos ali tinham vontade”.⁶³

“... na ocasião eu entrei lá, entrei com pessoas também, fazendeiros foram lá para visitá-lo e, ele estava lá sendo impedido que as pessoas se aproximassem através de uma corda, que impedia que as pessoas tivessem um contato mais próximo a ele”.⁶⁴

Logo que, o primeiro boato correu na cidade, todo mundo ficou despreocupado e saiu de casa e foi para as ruas e praças comentar o fim da demorada vigília e aguardar o retorno dos homens que voltavam do mato, depois do último e definitivo cerco:

*“Logo saiu no repórter
que o homem mau foi apanhado
logo todo mundo ali
ficou despreocupado*

⁶² Júlia Maria da Silva Pereira; professora; 53 anos, entrevista concedida a autora.

⁶³ FILHO, Francisco Henrique. HISTÓRIA DO HOMEM MAU, verso: 78.

⁶⁴ Júlia Maria da Silva Pereira; professora; 53 anos, entrevista concedida a autora.

*porque ele ia preso
para a capital do estado.*⁶⁵

A hora era de cumprir promessas e não esperaram o dia seguinte, nem uma confirmação mais séria, para agradecer o que consideravam uma graça: o louco estava preso e a lavoura salva de se perder por falta de colheita:

*“Aí naquela época foi só prende ele, aí veio a tranquilidade né. Cada quali vorto pras suas casas, aí já num teve aquela perturbação do povo”.*⁶⁶

As igrejas vazias, durante os dias de expectativa, abriram suas portas aos crentes camponeses para que pudessem rezar seus agradecimentos. Nas mesas dos botecos que, anteriormente não se via mais ninguém e nas esquinas de cada rua central, a conversa era uma só: o louco estava preso e o pesadelo terminado.

Outros preferiram comemorar a notícia de maneira diferente: eles não se contentavam apenas com os rumores da prisão e saíram em direção a estrada de Ipiaçú para esperar a caravana da polícia e ver o homem algemado entre a escolta de policiais.

As escolas rurais que ensaiavam timidamente a reabertura de suas portas, retornaram definitivamente às aulas com a certeza de que ninguém iria ficar em casa trancado com medo do louco.

Com o funcionamento das escolas, o retorno dos lavradores às suas terras, a retirada da polícia e dos profissionais da

⁶⁵ FILHO, Francisco Henrique. HISTÓRIA DO HOMEM MAU, verso: 77.

⁶⁶ José Sebastião da Silva; pequeno agricultor; 68 anos, entrevista concedida a autora.

imprensa que montaram guarda em Capinópolis, a cidade ficou vazia e retornou à sua vida tranqüila e pacata de antes, passado a euforia.

“A tranqüilidade de Orlando Sabino e a absoluta falta de responsabilidade pelos crimes que executou o caracterizam na classificação psiquiátrica, como um psicopata, cuja ação criminosa *independe da vontade*. As respostas monossilábicas e sem nexo indicam também que ele apresenta uma debilidade mental. Aparentemente, ele se deixava possuir por uma fúria incontida, seguida por uma insuportável dor de cabeça, na hora de matar. Após as crises, poderia ser facilmente dominado e até aparentar passividade, como ocorreu no momento de sua captura”.⁶⁷

*“No dia 11 de março
os policiais viajaram
e para Belo Horizonte
Orlando também levaram
Ele foi para o hospital
Os médicos examinaram

Os doutores perguntavam
Explique o que você sente
Orlando dizia eu
Tem dia que estou doente
E custo eu ficar bom
E ter folga para matar gente”.*⁶⁸

⁶⁷Revista Manchete; n 1040; 25 de março de 1972; p.18.

⁶⁸FILHO,Francisco Henrique. HISTÓRIA DO HOMEM MAU.versos 81; 82.

Orlando Sabino foi processado na Comarca de Ituiutaba, internado como louco no Manicômio Judiciário Jorge Vaz, em Barbacena, Minas Gerais. O povo ficou acreditando, através das versões oficiais e do noticiário divulgado, que Orlando Sabino teria sido realmente o autor dos crimes.

Hoje, passadas três décadas, o funcionário público Mauro Bernadelli acha que, “no fundo, no fundo, o monstro era um coitado”.⁶⁹ O fato é que após sua captura, a paz voltou a reinar em toda a região.

“... naquela ocasião, assim houve muitas pessoas que tinha gente que tinha richa com outras pessoas e que estavam aproveitando não só para matar, mas para roubar nas fazendas né, pra roubar galinhas, animais, para falar que era o suposto homem, então, a gente não sabe assim com certeza se realmente algum outro crime foi aproveitando da situação dele”.⁷⁰

“-Da dúzia de homicídios, só de cinco ficou provada a sua culpa. Matou por açúcar. Comia aos punhados. Ria não”.⁷¹

“Mas eu sei que aquilo fico na história! Porque eu nunca vi esse Capinópolis com um movimento daqueles assim. Naquele tempo num tinha valentão não, todo mundo fico com medo!”⁷²

⁶⁹ Jornal Correio de Uberlândia, 29 de junho de 2003; p04.

⁷⁰ Júlia Maria da Silva Pereira; professora; 53 anos, entrevista concedida a autora.

⁷¹ LEITE, Alciene Ribeiro, DRÁCULA TUPUNQUIM. Editora RHJ, 1989, p.31.

⁷² José Sebastião da Silva; pequeno agricultor; 68 anos, entrevista concedida a autora.

Capítulo 2. Mitos e rituais

Neste capítulo vamos discutir que através dos depoimentos da população e de outras fontes como literatura de cordel e literatura infanto-juvenil, foi possível perceber que a população criou em suas mentes um mito em torno da figura de Orlando Sabino, pois o mesmo tornou-se um “monstro” para os moradores, algo impossível de ser capturado diante de todo aquele movimento policial que se estabelecera na região. Desta forma, o mito do “monstro” cresceu de maneira assustadora e as populações da zona rural a cada dia se sentiam mais inseguras, pois, passaram a acreditar que tudo aquilo só acontecia na zona rural. O medo que tomou conta da população fez

com que as pessoas mudassem o ritmo de suas vidas, se ausentassem da zona rural, causando prejuízos até mesmo à safra daquele ano. Todos passaram a acreditar que os crimes divulgados na imprensa, só poderiam acontecer com os moradores da zona rural e que, permanecer por lá era correr perigo. Todos se iludiram e criaram nas mentes a figura de um ser terrível, que ninguém conseguiu vê-lo, ninguém conseguia pegá-lo. Os hotéis ficaram lotados de pessoas da imprensa, barracões, igrejas foram usados para abrigar moradores, as escolas não mais funcionaram e as pessoas passaram a andar armadas.

O que permanece sobre a população, é a memória de sentido comum, que exagera, modifica, cria mitos. A versão desse tipo de memória é totalmente difundida, as pessoas que afirmaram ter visto antes de prendê-lo, como é o caso do Sr. Manoel, que nos disse que Orlando Sabino teria ido até sua casa na zona rural e havia lhe contado sobre tudo que já havia feito, apesar de que isso não tenha acontecido. Posto que se trate de um fato intensamente recordado, o interessante é investigar o sentido mais profundo desse acontecimento, à luz da diferença entre o que se passou e as múltiplas maneiras de recordá-lo. A maneira de recordar da gente comum é a que prevalece na memória pública.

“... as pessoas vinham porque ele atacava assim, principalmente a zona rural, né”.⁷³

⁷³ Júlia Maria da Silva Pereira, professora; 54 anos, entrevista concedida a autora.

“Porque assim, o medo às vezes não precisava sentir tanto, porque na cidade era mais difícil, porque ele aparecia na roça”.⁷⁴

O que podemos observar é que a aparatosa operação militar de vasculhamento da região, os noticiários intermitentes sobre a ferocidade do “monstro” e suas sucessivas aparições criaram um clima de mistificação no Triângulo. Os lavradores que fugiram de suas terras criaram lendas em torno do homem e de suas fugas quase mágicas, cada um querendo explicar ao seu modo o estranho poder do homem que matava e sumia em questão de minutos. A própria imprensa se encarregou de criar na população diversas maneiras de imaginar Orlando Sabino. Podemos fazer esta observação no noticiário do Jornal Correio de Uberlândia de março de 1972:

“LOBISOMEM DE CANÁPOLIS CONTINUA SENDO CAÇADO”

“O povo da região, principalmente das camadas mais humildes, acredita tratar-se de um lobisOMEM, personagem folclórico, o autor das mortes que vem aterrorizando a zona rural de Canápolis. E já se formam lendas sobre o homem que transforma numa fera para matar, desaparecendo depois misteriosamente. “Entretanto, na verdade, trata-se de um doente mental, possuído de fúria homicida”.⁷⁵

Perante a forma como foi imaginado pela população, as pessoas passaram a acreditar que qualquer desconhecido que aparecesse pela frente, com uma vestimenta suja, com um olhar diferente poderia ser o homem que estariam à procura, no entanto,

⁷⁴ Elza Maria de Lima; auxiliar administrativa; 48 anos, entrevista concedida a autora.

quando suspeitavam de alguém desconhecido, os homens chegaram ao ponto de até saírem correndo. É o que nos contou o Sr. Geraldo numa passagem interessante do fato que lhe permaneceu na memória:

“ eu vo fala pra vc: o povo tinha tanto medo dele que aqui pro lado do Coleta tinha uns home colendo arroz, tinha dez home colhendo arroz, teve um rapaz de roupa suja que parou assim procurando emprego!!! Os home não fico nenhum(risadas) corredo tudo, num fico nenhum”.

“...eu fico bobo com isso. O povo tinha medo! Pousava 8 home, 10 home dentro duma casa, colocava uma bacia dentro da casa pra não sair pro terreiro.”

Perguntei ao Sr. Geraldo para que eles colocavam uma bacia dentro da casa, quando ele me respondeu: “pra fazer xixi!”

“...é verdade!!!! (risadas) os macho!!! Tudo dentro de casa!!! Eu to falano: que dez home correu de um ali pensano que era ele!!!!”

O jornal correio de Uberlândia divulgou uma matéria em que um suspeito havia sido preso pela polícia de Canápolis, mas que também não passava de um engano.

“Talvez o Nome”

⁷⁵ Jornal Correio de Uberlândia: 02 de março de 1972; p.07.

*“Ontem em Canápolis um nome era repetido por diversas pessoas, como sendo o do criminoso: Jaconias Fio dos Santos, vulgo” Jacó “, um débil mental cuja descrição confere com as outras dadas pelas vítimas que conseguiram sobreviver aos ataques da Fera do Pontal. Todavia, nada há de positivo nesta notícia, colhida entre populares pela reportagem do Correio de Uberlândia. Jaconias e a Fera podem não ser a mesma pessoa, pois sabe-se que o criminoso vem de Goiás onde cometeu outra mortes, antes de ingressar no Pontal”.*⁷⁶

Naquela ocasião, segundo os moradores qualquer pessoa poderia ser julgada como suspeita de tais assassinatos. Assim nos relatou o senhor Sebastião sobre sua experiência na seguinte passagem:

*“E saiu lá o camarada que eles tratava de Caruete, ele saiu de noite sozinho, e num falô nada pra ninguém e diz que o tal homem parecia com ele, depois que prendeu viu que parecia mesmo, (...) e quase que o Ermínio dá um tiro no Caruete pensando que era o Orlando Sabino”.*⁷⁷

A senhora Júlia também se recorda sobre esses momentos:

*“(...) às vezes uma pessoa simples andando por aí, já pensavam que era ele”.*⁷⁸

⁷⁶ Jornal Correio de Uberlândia; 03 de março de 1972; p.08.

⁷⁷ José Sebastião da Silva; pequeno agricultor; 68 anos, entrevista concedida a autora.

⁷⁸ Júlia Maria da Silva Pereira; professora; 53 anos, entrevista concedida a autora.

Vários relatos do fato nos trazem informações sobre como a população teve que alterar a maneira de viver por conta do medo que sentiam. Existiram várias formas de rituais que se estabeleceram como consequência do medo.

O fato narrado pelo senhor Geraldo, até de uma forma hilária, também se manifestou de outras maneiras na memória da população. Um dos mitos que criaram foi o de que o assassino só agiria na zona rural:

“... as pessoas vinham porque ele atacava assim, principalmente a zona rural,né”.⁷⁹

“Porque assim, o medo às vezes não precisava sentir tanto, porque na cidade era mais difícil, porque ele aparecia na roça”.⁸⁰

Segundo o senhor Geraldo, “na zona rural as casa ficou tudo vazia, principalmente à noite, o povo ficava tudo numa casa só”.

Esse mito de que o assassino só permanecia na zona rural fez-se transformar em um ritual. Todos os dias, aqueles que moravam na zona rural, saíram de suas casas e se refugiaram para a cidade. Essa fuga para a cidade também assustava os moradores. Consequentemente, a ação dessa fuga, gerou um superlotamento de hotéis e outros lugares que serviram de abrigo para essas pessoas como por exemplo as escolas, igrejas, barracões. Sobre esse episódio, o senhor Janeir Parreira faz o seguinte comentário:

⁷⁹ Júlia Maria da Silva Pereira; professora; 53 anos, entrevista concedida a autora.

⁸⁰ Elza Maria de Lima; auxiliar administrativa; 48 anos, entrevista concedida a autora.

“... nossa população ficou em polvorosa, e gente correndo de todo lado pra cidade, ninguém queria ficar na fazenda, na zona rural praticamente pouca gente ficou, a nossa cidade superlotou de hóspedes, porque... gente inclusive dormindo em igrejas, grupos escolares, depois houve até o problema de comida”.

O episódio também foi relatado no diálogo entre o Sr. Manoel; o Sr. Geraldo e o Sr. Ivaldo. Na conversa, os três entrevistados trazem na memória sobre como ficou a cidade com a vinda do pessoal da zona rural, como e onde essas pessoas se abrigavam:

Geraldo: “ele enganou muito tempo as policia, levou uns oito dia pra pega ele aqui, num foi sargento?

Ivaldo: foi, ele matou o casal de velho ali em cima no dia 28 de fevereiro, foi preso no dia 10 de março, levou uns 10 dias. Essa rua aqui (rua da delegacia) depois que ele matou o casal de velhos, essa rua aqui, esse quarteirão aqui ó, parecia romaria à noite , pq as pensão não tinha mais lugar

Manoel: o povo das roça vinha tudo armado. Se não era um revolve, era uma gaúcha, ou então uma faca

Ivaldo: eles ficava aqui na rua era de medo! O povo amontoava aí e ficava aí pra passar a noite, porque na pensão não tinha mais lugar, na zona rural ninguém queria

Geraldo: na zona rural não ficou ninguém, eu te falei ali na Autolândia era um barracão, ali era uma máquina de arroz, encheu de gente e ficou assim de home mulé e menino. O povo dormia no chão. Aqui na cidade ninguém via ele”.

O mito também cresceu na população da zona urbana, pois as pessoas passaram a acreditar na existência de um monstro. O que a memória da população traz à tona é o fato de que antes de pegar o suspeito, falava-se do “homem mau”, o “monstro”, “lobisomem”, o “homem bravo”. Somente depois de pego é que passaram a chamá-lo de Orlando Sabino. É como nos relata o senhor Janeir e demais entrevistados:

“...até então, não sabíamos Orlando Sabino, tínhamos como referência o “monstro do triângulo”.⁸¹

“Primeiro: todo mundo achava que ele era um mundo vei de homem, todo mundo achava que era um monstro, o povo falava: é o monstro!!! Ninguém falava o nome dele, falava “o monstro”! só foi falado o nome dele quando pegou ele, mais antes era “o monstro”. Desde lá de Goiás de onde ele veio fazendo as proeza dele era só o “monstro”.⁸²

O senhor Ivaldo declara que considerava estranho o fato de ninguém saber como era o homem e diz o seguinte:

⁸¹ Janeir Parreira Reis de Lima, 69 anos, entrevista concedida a autora

⁸² Geraldo Francisco dos Santos, 77 anos, entrevista concedida a autora

“era completamente estranho, ninguém sabia o que era, agora depois que ele foi preso, diversos elementos falou que viu ele”.

Isso é o que todo mundo sempre diz. Quando pedimos para relatarem o episódio, de imediato explodem recordações. “eu lembro tudo direitinho, mais não guardo tudo assim não, mais as pessoas que ele matou eu me lembro bem.”⁸³

Portanto, não foi bem assim, todos recordam o fato, mas ninguém nunca havia visto o tal criminoso, aconteceu o assassinato dos bezerros, do casal de velhos, mas ninguém provou que, aquele homem preso pela polícia realmente foi o responsável pelos crimes. mas o que prevalece na memória pública, é que realmente, e todos afirmam com certeza, que Orlando Sabino foi o “monstro” que a polícia procurou muitos dias na região do Pontal. O mito é tão resistente que não se modifica com as informações. O relato de José Padovani comprova isso. Primeiramente, ele diz “eu não vi nada!” logo depois, na mesma fala ele diz: “agora, o casal de velhos eu vi!” e finaliza: “eu não vi nada, eu vi as cabeça aberta, os miolo do casal de véi, ali onde é aquele Campo Fértil, agora o finado irmão Sinhá que morava do outro lado diz que viu ele correno”.

“olha, nessa época o povo veio tudo pra cidade, veio todo mundo pra cidade, com medo, porque chamavam o “monstro”, achavam que ele era um monstro ... aí depois que ele matou os bezerro aí o

⁸³ José Padovani Filho, 64 anos, entrevista concedida a autora.

*povo fico com medo mesmo, aí o povo apavorou, isso é um monstro mesmo! (risadas)*⁸⁴

*"o povo começou a chamar ele de o "homem mau".*⁸⁵

Com toda incerteza e com todo o medo que se instalara na população, a fuga para as cidades, fez com que as escolas parassem de funcionar, as praças onde as pessoas naquela época se encontravam para conversar, os bares, tudo ficou vazio, trazendo também prejuízo para todos, pois á partir de uma determinada hora do dia, todos se escondiam dentro de casa ou de algum abrigo.

Na zona rural de Capinópolis, Centralina e Canápolis foram suspensas as aulas em 23 escolas rurais. As aulas noturnas do Ginásio Estadual de Capinópolis (atual Escola Estadual Sérgio de Freitas Pacheco) também foram suspensas. A senhora Júlia, era professora na época, e nos conta sobre esses problemas que aconteceram:

*"... ninguém tinha sossego aqui, ninguém, as crianças, as aulas foram suspensas naquela ocasião, porque a gente tinha muito medo, tinha que dar uma satisfação para os pais né, (...) a gente tinha medo que a escola fosse atacada por uma pessoa dessa, a gente entregava as crianças para as famílias porque o receio era muito grande..."*⁸⁶

A senhora Elza também se recorda do fato:

⁸⁴ Geraldo Francisco dos Santos, 77 anos, entrevista concedida a autora.

⁸⁵ Elza Maria de Lima, 49 anos, entrevista concedida a autora.

⁸⁶ Júlia Maria da Silva Pereira, professora, 53 anos, entrevista concedida a autora.

“... o povo das fazendas vinha todos pra cidade. Quem tinha aula na roça, parou as aulas. Eu estudava no Kennedy, quando ficou sabendo que ele tinha matado o sô Oprimo lá, suspenderam as aulas da cidade”.⁸⁷

O jornal correio de Uberlândia também publicou uma nota na página inicial com o título:

“Meninos não vão à aula com medo da fera”.⁸⁸

Apesar da memória ter lhe falhado, dona Cleuza nos relatou esse episódio, falando como as pessoas se abrigaram, a escola que se localizava próximo à sua casa e que foi fechada por consequência do ocorrido e dos vizinhos da irmã que iam todos se abrigar na casa dela:

“Eu tinha uns 28 anos nessa época, tinha uma escola aqui pertinho da minha casa que fechou, não tinha aula, porque ninguém andava, você não via ninguém na rua, inclusive na casa das minha irmã que tinha mais vizinho, os vizinho tudo foi pra casa dela e enquanto não pegou ele eles não voltaram pra casa, eles dormia e comia todo mundo lá.”

Através dos depoimentos, podemos perceber que os moradores do Pontal alteraram o cotidiano em torno do fato, e através do medo que sentiam passaram a se privar de alguns costumes do

⁸⁷ Elza Maria de Lima; auxiliar administrativa; 48 anos, entrevista concedida a autora.

dia-a-dia, como por exemplo, não mais saíam para as ruas durante a noite e, andavam também armados, trazendo o risco para a própria população. É o que explica a senhora Júlia: "... a gente percebia que depois de certa hora da noite, por volta de 6 horas da tarde por aí, ninguém mais tinha aquele sossego, aquele ânimo de vir pra rua, pra conversar, pra ir pra praça, pra sair, ninguém mais fazia isso."⁸⁹ e, pelo medo que sentiam, passaram a se prevenir com armas".

O senhor Sebastião relata o episódio detalhando como as pessoas se armaram:

"(...) lá tinha espingarda, tinha revólve, tinha facão, tinha foice, de tudo tava prevenido, sabe?"⁹⁰

Nas fazendas, todos se escondiam, não abriam porta pra ninguém que fosse desconhecido. Até mesmo uma vestimenta poderia fazer com que a população suspeitasse de algo:

"Não! Passou um home ali na estrada vestindo uma capa e tal. Ele é baixo, moreno e ele passou correno, mas eu num sei ele e ´estranho".⁹¹

Em Capinópolis e cidades vizinhas o medo e o pânico se instalaram quando o criminoso foi acusado de ter matado com uma foice os 19 bezerros na fazenda do Sr. Maximiano José de Freitas (o Juquinha). Este episódio foi registrado na memória dos moradores

⁸⁸ Jornal Correio de Uberlândia; 03 de março de 1972; p.08.

⁸⁹ Idem.

⁹⁰ José Sebastião da Silva; pequeno agricultor; 68 anos, entrevista concedida a autora.

⁹¹ Idem.

como o estopim para o pânico e uma prova de que o que estava ocorrendo era algo mesmo muito perigoso. A matança dos bezerros na qual foi registrada pela memória de todos os entrevistados, foi uma forma de celebração do medo que se alimentavam todos os dias na cabeça das pessoas. A morte de 19 bezerros na fazenda do Sr. Juquinha Maximiano, prevalece na memória pública e é totalmente difundida pela população:

“Aí depois que ele matou os bezerros é que o povo viu que o trem era perigoso sim viu, aí o medo aumentou.”⁹²

“O pessoal falava que ele era isso , aquilo, era um problema. O home mato lá no Canápolis, mato um casal de pretos aí e lá vai passano, mas a hora que ele mato os bezerros...”⁹³

Dona Cleuza aponta que “quando matou essa bezerrada aí, nossa senhora, foi que o medo aumentou mesmo”.

As notícias eram divulgadas pelos jornais de uma forma que causasse mais terror à população. Um artigo do jornal correio de Uberlândia traz a notícia da morte dos bezerros de uma forma que o povo ficasse com mais medo:

“O criminoso de Capinópolis infunde o terror naquela zona.. Diversas famílias estão vindo apavoradas para Uberlândia, temerosas de um novo ataque. Com um saldo de 9 mortes e

⁹² Elza Maria de Lima; auxiliar administrativa; 48 anos, entrevista concedida a autora.

⁹³ José Sebastião da Silva; pequeno agricultor; 68 anos, entrevista concedida a autora.

trucidamento de 19 cabeças de gado é a própria imagem do terror”.⁹⁴

A literatura de cordel também relata este episódio:

*“Ele matou dezenove
ficou de cabeça tonta
já tinha bezerro ali
que vinha nascendo a ponta
foi carne neste dia
que nem urubu deu conta
No outro dia bem cedo
Logo a notícia espalhou-se
Na fazenda de Juquinha
Vinte bezerros acabou-se
Morto por homem mau
Todo mundo assombrou-se”.⁹⁵*

A literatura infanto-juvenil relata de forma descontraída as ações do criminoso e as conseqüências que o fato causou na vida da população. As ilustrações do livro denotam um personagem das lendas infantis, um personagem sem rosto e sempre de costas para o leitor. O título do livro nos faz imaginar um personagem mitológico: “Drácula Tupiniquim”, autoria de Alciene Ribeiro Leite”.⁹⁶

⁹⁴ Jornal Correio de Uberlândia; 02 de março de 1972; p.07.

⁹⁵ FILHO, Francisco Henrique. HISTÓRIA DO HOMEM MAU. versos: 52,53.

⁹⁶ Alciene Ribeiro Leite, é mineira de Ituiutaba. Em 1998 comemorou 10 anos do seu lançamento em livro. Intensa vida literária, prêmios importantes como “Galeão Coutinho”(contos); “Coleção do Pinto”(novela infanto-juvenil); “Cidade de Belo Horizonte”(romance). Durante 6 anos, Diretora de Divisão de Cultura da Prefeitura de sua cidade, realizou feiras de livros que ficaram famosas nos meios literários do país.

Vejamos a maneira como é relatado o episódio da morte dos 19 bezerros:

“A gota que faltava:

Mais de uma dezena de bezerros amanheceram degolados no curral de abastado pecuarista. O sangue deles, porém, não chegou a tingir o esterco”.⁹⁷

O pânico foi geral. A imprensa lotou os hotéis de Capinópolis: “O Cruzeiro”, “Manchete”, “Realidade”, “Jornal do Brasil”, “Estado de São Paulo”, diários de Belo Horizonte, todos os veículos de divulgação do Triângulo Mineiro, enfim, um batalhão de repórteres da imprensa, do rádio e da televisão cobriram os sensacionais acontecimentos gerados pelo aparecimento da “Fera do Pontal e a maior caçada humana já registrada na história deste país”.⁹⁸

A maneira como a imprensa divulgou as notícias fez com que a população do campo abandonasse suas casas e procurasse proteção em lugares povoados até que o assassino fosse capturado. Moradores de Capinópolis relataram que ofereciam suas residências para aqueles que, com muito medo partiram da zona rural para as cidades a procura de maior segurança:

“... procuravam a gente que era conhecido, tal e dormia né, a gente às vezes sem nenhum conforto, sem uma condição básica

⁹⁷ LEITE, Alciene Ribeiro, DRÁCULA TUPINQUIM, Editora RHJ, 1989, p.22.

⁹⁸ Jornal Correio de Uberlândia, 09 de março de 1972; p. inicial.

*pra oferecer, a gente oferecia simplesmente um apoio, deixava que as pessoas espalhassem colchões na casa da gente”.*⁹⁹

*“Ali naquela cidade
o assombro era em geral
uns deixavam a moradia
e iam para a capital
para não ver seu filho
mortos pelo homem mau”.*¹⁰⁰

Com a partida dos lavradores para as cidades, as atividades da colheita foram completamente paralisadas levando a região quase a beira de um colapso econômico. A safra 1971/1972 de milho, algodão, arroz e amendoim ameaçaram se perder. A senhora Júlia relata esse momento:

*“Olha, muita coisa foi registrada naquela ocasião, tinha gente colhendo, tinha pessoas assim com lavouira né, e aquilo lá eles tiveram abandonar, passando assim, da época de colheita, (...) então houve uma perda muito grande, muito prejuízo pras pessoas da zona rural”.*¹⁰¹

O senhor Manoel nos conta que “perdeu o arroz, perdeu o milho, perdeu o amendoim, tudo por conta daquele home sô, porque não ficou ninguém nas fazenda”.

Para o senhor José Padovani, com a vinda da população da zona rural para a cidade “a safra foi sacrificada”.

⁹⁹ Júlia Maria da Silva Pereira; professora; 53 anos, entrevista concedida a autora.

¹⁰⁰ FILHO, Francisco Henrique. HISTÓRIA DO HOMEM MAU. Verso 56.

“Culturas de grãos, a base econômica, crestam ao sol, hastes vergadas. É abandono só. Ermo, solidão, solo gretado, pragas, ervas daninhas. Na cidade a mendicância, promiscuidade, ócio, desemprego, subemprego”.¹⁰²

O prefeito de Capinópolis decretou estado de calamidade pública.

“- Capinópolis parou. Há pânico entre a população. Não há mais ninguém nas fazendas, todas as lavouras de arroz estão paralisadas. Mandeí fechar todas as escolas rurais e algumas da própria cidade, pois as mães não deixam mais seus filhos saírem às ruas”.¹⁰³

Além do perigo da perda das safras, os produtores enfrentaram um outro problema: o encarecimento da mão-de-obra no meio rural. Muitos lavradores, mesmo com as garantias oferecidas pela polícia, recusavam-se a voltar para a lavoura enquanto persistisse a caçada.

O povo amedrontado partia à tarde das fazendas trazendo roupas, vasilhas e animais (cachorros e galinhas) em carroças, bicicletas para fugir do assassino:

¹⁰¹ Júlia Maria da Silva Pereira; professora; 53 anos, entrevista concedida a autora.

¹⁰² LEITE, Alciene Ribeiro, DRÁCULA TUPUNIQUIM. Editora RHJ, 1989, p. 27.

¹⁰³ BORGES, Joaquim. OPERAÇÃO ANTI-GUERRILHA. Editora Juruna, 1979, p. 63.

“Então o pessoal da zona rural, temendo muito essa situação, vinham pras cidades por volta de 4:00, 5:00 horas da tarde, procuravam assim aquelas pessoas conhecidas da gente, pessoas humildes da fazenda né, da roça mesmo, vinham pra cá, vinham a cavalo, de carrinho, bicicletas, vinham a pé muitas vezes...”¹⁰⁴

O ritmo de vida da população mudou, as casas permaneciam sempre fechadas, os moradores dormiam mais cedo e as atividades de lazer foram banidas:

“... ninguém saía mais, em clubes né, nos salões de festa, as pessoas não reuniam mais em barzinhos, tudo isso foi privado na época desse homem”.¹⁰⁵

“- Eu sou dos prevenidos, risquei pesca do meu dicionário”.¹⁰⁶

“- Os ânimos se recolhem tímidos. Pescaria, piquenique, forró, escola, financiamento, comércio? Era uma vez!”.¹⁰⁷

O pânico se transformou em paranóia coletiva: cada um criou em seu cérebro uma imagem do assassino:

Para o senhor Manoel o criminoso do Pontal “ele sortava fogo pelo nariz, fogo pela boca, fogo pelo chifre, uai aí eu tinha medo!!!”

¹⁰⁴ Júlia Maria da Silva Pereira: professora; 53 anos, entrevista concedida a autora.

¹⁰⁵ Idem.

¹⁰⁶ LEITE, Alciene Ribeiro, DRÁCULA TUPUNIQUIM. Editora RHJ, 1989, p.06.

¹⁰⁷ Idem, p.20.

Para o senhor Geraldo o homem parecia invisível explicando a dificuldade da polícia em prender o assassino:

“ali no Jerônimo Maximiano, falaram ele ta ali no Jerônimo Maximiano! Nós chego lá, ele tinha acabado de fazer comida, o fogo ainda tava queimando, ainda tava aceso, e a gente reviro aquilo lá e num acho ele! E era de dia heim! Parece que ele tinha um negócio assim sabe, parece que ele se invultava sabe? Virava um vulto, com coisa que ele tivesse um treim que ficava invisível pra ninguém ver”.

Essa maneira como foi interpretado pela população, como sendo um homem invisível e que ninguém conseguia vê-lo, também foi narrada pela literatura:

- *Mas que troço é ele, que ninguém viu?”.*
- *Decerto é cigano desgarrado da tribo.*
- *Ladrão assassino.*
- *Terrorista.*
- *Índio.*
- *Mas que tem corpo fechado, tem.* ¹⁰⁸
- (...)
- *È lobo!*
- *Mula-sem-cabeça!*
- *E gente mesmo.*
- *Tarado.* ¹⁰⁹

¹⁰⁸ LEITE, Alciene Ribeiro, DRÁCULA TUPINIQUEM. Editora RHJ, 1989, p. 12.

¹⁰⁹ Ídem, p. 14.

O medo cresceu e proliferou no terreno da credence e simplicidade do povo da região. O homem passou a ser tido como enfeitado. Muitos acreditavam que ele tinha o poder de se transformar em estaca, cupim e peixe, quando era acossado pela polícia, explicando dessa forma, o sucesso do assassino e o aparente fracasso da polícia:

“O povo falava que ele virava um toco (...) Eu não sei se foi ele que falou ou se é mentira do povo, falava que ele virava um cupim quando as pessoas chegava perto dele, as pessoas não enxergavam ele, ...” ¹¹⁰

*“Todo dia a polícia
atrás de Orlando andava
via logo o rasto dele
e o lugar onde pousava
e ele em qualquer coisa
ligeiro se transformava”.* ¹¹¹

*“Bala não entrava nele
cachorro não lhe mordía
logo da vista da gente
ele desaparecia
se envoltava em qualquer coisa
ao momento que queria”.* ¹¹²

Este episódio que perpassa a memória da população a qual tratou o criminoso como algo enfeitado também foi relatado na literatura:

¹¹⁰ Elza Maria de Lima; auxiliar administrativa; 48 anos, entrevista concedida a autora.

¹¹¹ FILHO, Francisco Henrique. HISTÓRIA DO HOMEM MAU. verso: 58.

“- Mas é gente ou bicho?

- Decerto é anfíbio, pois o herói aí não falou que ele mergulhou e não boiou?

- Caboclo d'água!

- Um híbrido.

- Epa, lenda é bom e eu gosto, mas também satura.

- Agorinha mesmo vão dizer que é o Saci ou o Negrinho do pastoreio, quer ver? ¹¹³

“ A certeza sobre o encanto levou muita gente a carregar suas espingardas-chumbêiras com estranhos ingredientes, além das pólvoras e do chumbo. Um fio de cabelo e um dente de alho dariam força mágica ao tiro e só assim poderiam matar o “endemoninhado”. Outro expediente também foi usado durante a caçada: os cadáveres de seu Oprimo e Dona Afonsina foram enterrados de bruços e com uma moeda na boca, para prender o assassino à região onde ele cometeu os crimes.”¹¹⁴ Cada dia que se passava aumentava-se o nervosismo na região e surgiam histórias fantásticas em torno do homem que estava assombrando a população:

“- noite enluarada, sumiu um violão de sítio próximo. E alguém jura, ouviu o “Luar do Sertão” dedilhado por violeiro invisível sob velho jatobazeiro.

¹¹² Idem, verso: 10.

¹¹³ LEITE, Alciene Ribeiro, DRÁCULA TUPUNQUIM. Editora RHJ, 1989, p. 16.

¹¹⁴ Revista Manchete; n 1040; 25 de março de 1972; p. 18.

O instrumento, recuperado, guardava urina ainda quente. Ao ser apanhado, um grunhido nervoso de animal não identificado veio do interior da mata perto”.¹¹⁵

*“Mais de 200 policiais
andava lhe procurando
e ele com um violão
lá pelos matos cantando
fazendo suas serestas
bem satisfeito tocando.”*¹¹⁶

“Uma vez diz que ele roubou uma viola duma casa vazia e foi pra debaixo duma árvore tocar música sertaneja. Diz que ele tava tocano “Luar do Sertão” aquela música bonita ce sabe né? Diz que a polícia chegou, atirou até e nenhuma bala pegou ele! Você acredita? Pra fazer maldade ele era sabido. Diz que andava assim ó, andava de fasto, o povo pensava que lê foi pra li e ele vinha pra cá né!”¹¹⁷

Para o senhor Manoel o criminoso do Pontal “ele sortava fogo pelo nariz, fogo pela boca, fogo pelo chifre, uai aí eu tinha medo!!!”

Supõe-se que a Quaresma também tenha sido um ambiente favorável para que o povo criasse mitos em torno do fato, vendo no assassino a encarnação do lobisomem:

¹¹⁵ LEITE, Alciene Ribeiro, DRÁCULA TUPUNIQUEM. Editora RHJ, 1989, p. 13.

¹¹⁶ FILHO, Francisco Henrique. HISTÓRIA DO HOMEM MAU. verso: 59.

¹¹⁷ José Sebastião da Silva; pequeno agricultor; 68 anos, entrevista concedida a autora.

“- No calendário é a quaresma, estação do sobrenatural. De preferência na lua cheia, em ermo de beira rio. Animal ou gente que beber de poça que ele pisou, vira lobisomem.”¹¹⁸

Neste capítulo discutimos como a memória da população construiu o fato de modo que, o acusado tenha tornado-se um mito em suas mentes e como isso fez com que a vida desses moradores se transformasse a ponto de fecharem as escolas e de não mais saírem às ruas a partir de certa hora.

¹¹⁸ LEITE, Alciene Ribeiro, DRÁCULA TUPUNQUIM. Editora RHJ, 1989, p. 11.

Considerações finais

Orlando Sabino foi levado nas cidades da região, exibido ao público como uma fera capturada, recambiado para Belo Horizonte, processado na comarca de Ituiutaba (Minas Gerais), internado como louco no Manicômio Judiciário Jorge Vaz, em Barbacena, Minas Gerais. *A opinião pública não ouviu mais falar do caso, pois após sua prisão a paz voltou a reinar no Triângulo.* Através das versões oficiais e do noticiário divulgado, o povo acreditou que Orlando Sabino foi o autor de mortes de animais e pessoas em fazendas.

Pela análise dos fatos e fontes, o Orlando Sabino se transformou em um mito que permanece até os dias atuais na memória da população e que também prevaleceu na literatura de cordel e infanto-juvenil. Perante o medo que sentiam, os moradores alteraram suas vidas em torno do mito que criaram em suas mentes, pois ao considerarem o criminoso como um “monstro”, passaram a se

esconderem em suas casas, munidos com armas e não mais saíam para as ruas.

Todo o pessoal da zona rural partiu para as cidades *fazendo com que a safra 71/72 ficasse ameaçada.*

Portanto, existe uma versão que merece nossa atenção: a versão de que o “monstro” tenha sido criado justamente com a intenção de provocar toda essa alteração na vida dos moradores como uma forma de camuflar uma repressão policial estabelecida no Triângulo.

Em uma nota impressa pelo jornal Correio de Uberlândia no dia 29 de junho de 2006 foi relatado que, “apesar de o paranaense ter sido julgado pelos crimes, absolvido pelos homicídios e se encontrar hoje internado no manicômio judiciário de Barbacena, por ser considerado oligofrênico, o escritor triangulino Joaquim Borges não acredita que ele tenha sido o autor de tantas mortes. Segundo Borges, elas aconteceram, mas Sabino era inocente.

De acordo com sua obra, Operação Anti-Guerrilha, o autor Joaquim Borges constatou que “o processo movido contra Orlando Sabino foi praticamente conduzido dentro de um clima de obscurantismo e de sonegação de informações pelos organismos de segurança. A polícia teria criado inúmeras dificuldades ao esclarecimento da questão, deixando inclusive de fornecer informações à imprensa, se recusando a responder expedientes do poder judiciário.”¹¹⁹

Diante das relevantes proporções que o caso ocupou na época, as páginas dos principais jornais brasileiros, a opinião pública

foi saciada pela captura do “culpado” e durante todos esses anos alimenta idéia da completa solução do caso “O Monstro do Triângulo”, porém o tipo físico de Orlando Sabino, sua voz calma, entrecortada não coincidiam absolutamente com as características de um monstro. Apenas a fisionomia semi-bestializada, os olhos muito abertos, destoavam do conjunto de pessoa domesticada. Há que se acreditar seu espanto no momento da captura, motivado pelo aparato militar que o cercara.

É de se estranhar, portanto, que a polícia com centenas de homens, cães amestrados, rádios e equipamentos sofisticados, tenha gasto quase uma quinzena para capturar o raquítico “monstro”. “Dada a facilidade de locomoção da área e à inexperiência de Orlando Sabino, qualquer delegado municipal, mesmo sem auxílio de nenhum militar, partindo da mais frágil pista, conseguiria tal captura com menos da metade do tempo gasto na denominada “Operação Agulha no Palheiro”.¹²⁰

O fato de ter ocorrido uma operação policial-militar para tentar a captura do suposto monstro, por si só, não chega a ser nenhuma novidade, já que é dever dos órgãos de segurança atuar em momentos de tais agressividades. Em crimes comuns, normalmente, a repressão policial se faz com elementos do próprio local ou requisitados no quartel mais próximo, se for o caso.

Na Operação Agulha no Palheiro de caça ao “Monstro do Triângulo” verificou-se que a tropa de elite da polícia militar de Minas Gerais foi deslocada de Belo Horizonte numa distância de mais 600

¹¹⁹ BORGES, Joaquim. OPERAÇÃO ANTI-GUERRILHA. Editora Juruna, 1979, p.15.

¹²⁰ Idem p.24.

Km. Além do comando do titular do 4º Batalhão de Polícia, sediado em Uberaba, Cel. Newton de Oliveira, foi destacado ainda para mesma missão o Cel. João Victor de Andrade, o próprio diretor de Operações da polícia militar mineira. Foram empregados centenas de policiais treinados especialmente para o combate de guerra nas selvas, walkies-talkies, técnicas de rastreamentos utilizadas em guerrilhas e cães amestrados. Elementos do DOPS, divisão que trata da repressão especificamente política e do Serviço Secreto da Polícia, a temida PM2 foram convocados para a área. A “Operação Agulha no Palheiro” foi empregada para designar o gigantesco aparato de guerra montado no Triângulo.

“O Jornal “Lavoura e Comércio”, de Uberaba, em 3.3.72 noticiou que além de policiais militares e do DOPS, houve a participação do próprio Exército na região. Outras notícias de agências publicadas em jornais de diferentes pontos do país dão conta de incursões do PARASAR, que teria sobrevoado a área em vôos rasantes.”¹²¹

Ao atentarmos para a conjuntura nacional da época, foi exatamente no ano 1972 que o exército empreendera colossal operação de guerra para combater a guerrilha no Araguaia. E esse combate se deu no maior sigilo, quando o governo brasileiro sonegou informações ao povo brasileiro e impôs férrea censura à imprensa. Qualquer notícia que se ventilasse sobre a guerrilha poderia acirrar os ânimos do povo, já bastante insatisfeito pela política de arrocho salarial e com o regime de terror e de tortura vigente no país. Da mesma forma, supõe-se que tão logo se suspeitaram da suposta

passagem de guerrilheiros no Triângulo trataram de empreender a repressão. Mas como a região de Minas era devastada e muito habitada, não seria possível esconder pura e simplesmente a operação da opinião pública. Assim sendo, os militares armariam o esquema como se a operação de caça subversiva se apresentasse *como de caça ao suposto monstro*. Na entrevista com o senhor Geraldo, um policial atuante na época, o mesmo nos contou sobre a presença de um “grego”, supomos de que ele tenha se referido a um gringo, que foi preso pela polícia em Capinópolis. Sobre isso ele nos disse o seguinte:

” Do jeito que tinha gente na cidade, podia entrar quem fosse aqui que ninguém ia desconfiar que era ele. Igual, na época a gente prendeu até grego aqui, porque não era conhecido, gente estranho né, então um estranho que batesse aqui, a gente levava pro xilindró, *mas o grego não tinha nada a ver*. Logo, perguntei ao senhor Geraldo o que esse “grego” ou gringo estava fazendo aqui, e assim ele me respondeu:

“Ele tava andando, eu não lembro mais o que ele falou. A única coisa que ele falou foi sobre o comunismo, isso aí ele falou demais lá na cadeia pra gente, mais não foi provado dele fazer nada, tava todo documentado, tinha documento, ele era um grego assim, já falava muito bem o português, eu tava de plantão lá na delegacia e eu conversei muito com ele, ele explicando sobre o problema do comunismo, o que que é o comunismo....

Percebemos que o senhor Geraldo desviou-se do assunto e logo falou das dificuldades que a imprensa colocou os policiais,

¹²¹ BORGES, Joaquim. OPERAÇÃO ANTI-GUERRILHA. Editora Juruna, 1979, p.22.

alegando que estes teriam melhores condições para chegar até às notícias:

“O que mais atrapalhava nois, era a imprensa, veio a Manchete, o Cruzeiro, vou te explicar porque: porque eles tinha uma condição boa, quando chegava uma pessoa aqui dando a ordem eles *vazava na nossa frente...*”

Podemos de certa forma considerar a versão de que a “Operação Agulha no Palheiro” de caça ao Monstro do Triângulo empreendida pela polícia tenha sido um propósito de semear o pânico na população, criando a figura de Orlando Sabino como uma camuflagem para conservar a repressão militar em segredo e não alertar supostos subversivos. A caça ao monstro do Triângulo justificaria uma autêntica operação anti-guerrilha que vasculhasse todo Triângulo.

O senhor Janeir Parreira Reis de Lima, ao nos conceder sua entrevista, nos forneceu a sua opinião atual sobre o fato, o que ele pensa hoje, sobre tudo que aconteceu e se realmente o fato mereceu tanto a atenção da imprensa e da polícia:

“... recordamos também que logo que foi preso o Orlando Sabino tivemos notícias, e até nos deixa um pouco assim duvidosos também, o porquê de todas as atenções da imprensa nacional em cima do problema Orlando Sabino porque nós tínhamos outros movimentos, e eu digo isso simplesmente já ouvimos uma corrente que analisa a política nacional, os interesses nacionais, e nos dão conta de que o problema Orlando Sabino ele serviu também para desviar as atenções de interesses do próprio governo da época com o

problema: guerrilha, que se instalava em Jacareacanga , me parece que foi um caso de Jacareacanga no Pará e nós tivemos depois a oportunidade de conceder depois inúmeras entrevistas a historiadores, inclusive um de Uberaba, um de Uberlândia, um jornalista que dá conta de que existiam outros interesses e a gente acaba até suspeitando que isso possa ter sido verdade, porque o caso Orlando Sabino não era pra merecer tanta atenção assim não.”¹²²

Enfim, sobre o caso Orlando Sabino, podemos perceber que ainda podemos explorar outros viéses a partir desse tema e dos depoimentos colhidos ao longo do trabalho, porém foram estas as questões que nos colocamos. A importância maior do trabalho reside no fato de considerar a memória como fonte principal, de eleger a fala e através dessa, a experiência dos atores. O que atribui a este trabalho a característica de inacabado e não apenas pelos depoimentos que gostaria de ter colhido e que não foi possível, mas principalmente porque é um trabalho de interpretação do vivido e que por isso nos abre várias outras possibilidades.

A experiência continua a se fazer e nunca será aprisionada, mesmo quando captada através da fala numa fita magnética ou no papel, pois ganhará vida quando interpretada a partir de um outro olhar, de uma outra perspectiva. *“Cada pessoa é um amálgama de grande número de histórias em potencial, de possibilidades imaginadas e não escolhidas, de perigos iminentes, contornados e por pouco evitados”.*¹²³

¹²² Janeir Parreira Reis de Lima, 69 anos, entrevista concedida a autora.

¹²³ (Portelli, op. cit., Projeto História, n. 15, p. 17).

Fontes

Depoimentos orais:

Cleuza Prado Batista, 60 anos, pensionista residente em Capinópolis.

Elza Maria de Lima, 49 anos, auxiliar administrativo residente em Capinópolis.

Geraldo Francisco dos Santos, 77 anos, cabo aposentado da Polícia Militar de Capinópolis, residente em Capinópolis.

Ivaldo Mendes Ferreira, 69 anos, 2º Tenente aposentado da Polícia Militar de Capinópolis, residente em Capinópolis.

Janeir parreira Reis de Lima, 69 anos, advogado residente em Capinópolis.

José Padovani Filho, 64 anos, mecânico residente em Capinópolis.

José Sebastião da Silva, 78 anos, Pequeno Agricultor de Capinópolis.

Júlia Maria da Silva Pereira, 54 anos, Professora e Diretora da Escola Municipal Presidente Tancredo Almeida Neves, residente em Capinópolis.

Laudivino Francisco do Prado, 88 anos, aposentado, residente em Capinópolis.

Manuel Pereira Duarte, 75 anos, aposentado, residente em Capinópolis.

Sônia Maria da Silva Padovani, 60 anos, do lar, residente em Capinópolis.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Antônio Oliveira. *História do homem mau*. Capinópolis: s/e, s/d.
Literatura de cordel.

BORGES, Joaquim. *Operação Anti-guerrilha*. Uberaba: Juruna, 1979.

BURKE, Peter & PORTER, Roy. *A ARTE DA CONVERSAÇÃO*, São Paulo: UNESP, 1997.

CONNERTON, Paul. *COMO AS SOCIEDADES RECORDAM*. Oeiras: Celta Editora, 1993.

DUBY, Georges. *A História continua*. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína (orgs.). *HISTÓRIA ORAL: DESAFIOS PARA O SÉCULO XXI*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ/CPDOC, 2000.

GEERTZ, Clifford. *A INTERPRETAÇÃO DAS CULTURAS*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

KHOURY, Yara Aun et alii. *A PESQUISA EM HISTÓRIA*, São Paulo: Ática, 1999.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Unicamp', 1990.

LEITE, Alciene Ribeiro. *Drácula Tupiniquim*. Belo Horizonte: RHJ, 1989.

MONTENEGRO, Antônio Torres. *História Oral: caminhos e descaminhos*. São Paulo, Marco Zero, v. 13, n. 25/26, pp. 55-65. set/92ago/93.

NUNES, Benedito. *O TEMPO NA NARRATIVA*, São Paulo: Ática, 1995 (2ª. Ed.).

POLLAK, Michel. “*Memória e identidade social*”, em *ESTUDOS HISTÓRICOS*. Rio de Janeiro: CPDOC/Fundação Getúlio Vargas, n. 10, 1992.

PORTELLI, Alessandro. “*A filosofia e os fatos, narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais*”, em *TEMPO*, Revista do Departamento de História da UFF, Rio de Janeiro, vol. 1, n.2, 1996, pp. 59-72.

_____. *O Massacre de Civitella Val di Chiana: mito e política, luto e senso comum*. In: MORAES FERREIRA, Marieta de & AMADO, Janaína (org.). *Usos e abusos de história oral*. Rio de Janeiro, 1996, pp. 103-130.

_____. *O que faz a história oral diferente*. Trad. Maria Therezinha Janine Ribeiro. *Projeto História*. PUC-SP, n. 10, p. 41-58, dez/93.

_____. *Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral*. *Projeto História*. PUC-SP, n. 15, p. 13-49, abr/97.

_____. *Muitas histórias, outras memórias: momentos da minha vida*. In: Fenelo Déa et alii. São Paulo: Olho d’água, 2004.

_____. *O massacre da fossas adreatinas*. In: *Revista História e Perspectivas*. n. 25/26. Uberlândia: EDUFU, 2001.

SAMUEL, Rafael. *História Local e História Oral*. Trad. Zena Winoma Eisenberg. (s.n.t.).

SIMSON, Olga de Moraes Von (org.) *EXPERIMENTOS COM HISTÓRIAS DE VIDA*, São Paulo: Vértice, 1988.

SILVA, Dalva Maria de Oliveira. *Memória: lembrança e esquecimento: trabalhadores nordestinos no Pontal do Triângulo Mineiro nas décadas de 1950 e 1960*. São Paulo: 1997.

THOMPSON, Edward P.. *COSTUMES EM COMUM, ESTUDOS SOBRE A CULTURA POPULAR TRADICIONAL*, São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

THOMPSON, E.P. *A miséria da teoria*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado*. História Oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

THOMSON, Alistair. *Recompondo a memória: Questões sobre a relação entre a História Oral e as memórias*. Projeto História. PUC-SP, n.15, p. 51-84, abr/97.